

Emoções e Linguagem na Educação Profissional a Distância



Cinara Ourique do Nascimento

**EMOÇÕES E LINGUAGEM NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A
DISTÂNCIA**

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE

Reitor

Flávio Luis Barbosa Nunes

Vice-Reitora

Veridiana Krolow Bosenbecker

EDITORA IFSUL

Editor Executivo

Vinícius Martins

Conselho Editorial

Vinícius Martins (Presidente)

Claudia Ciceri Cesa

Daniel Ricardo Arsand

Elisabeth Tempel Stumpf

Glaucius Décio Duarte

Jian Marcel Zimmermann

Lucas Hlenka

Malcus Cassiano Kuhn

Marcus Eduardo Maciel Ribeiro

Mariana Jantsch de Souza

Ricardo Lemos Sainz



Rua Gonçalves Chaves, 3218 – 5º andar – sala 509

96015-560 – Pelotas – RS

Fone: (53) 3026.6094

editoraifsul@ifsul.edu.br

<http://omp.ifsul.edu.br>

CINARA OURIQUE DO NASCIMENTO

**EMOÇÕES E LINGUAGEM NA
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A
DISTÂNCIA**



2022

© 2022 Editora IFSul



Este livro está sob a licença Creative Commons (br.creativecommons.org), que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

Coordenação editorial: *Glaucius Décio Duarte*

Revisão textual: *Maria Helena Bairros*

Capa: *Ildaiane Pintanela Vergara*

Diagramação e editoração final: *Carla Rosani Silva Fiori*



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N244 Nascimento, Cinara Ourique do.
Emoções e linguagem na educação profissional a
distância [recurso eletrônico] / Cinara Ourique do Nascimento.
— Pelotas : Editora IFSul, 2022.
104 p.

Modo de acesso: Word Wide Web: <http://omp.ifsul.edu.br/>
ISBN 978-65-89178-13-2

1. Ensino à distância. 2. Ensino profissional. I. Título.

CDD 371.356

Bibliotecária responsável: Vanessa Levati Biff — CRB 10/2454

Aos meus filhos, Michelle e Rodrigo,
meus netos Henrique e Bernardo
destinatários de minha imensa
capacidade de amar e ao meu amor,
Ricardo companheiro e incentivador
das minhas buscas de aprimoramento
pessoal e profissional.

O conhecimento do conhecimento obriga. Obriga-nos a assumir uma atitude de permanente vigília contra a tentação da certeza, a reconhecer que nossas certezas não são provas da verdade, como se o mundo que cada um vê fosse o mundo e não um mundo que construímos juntamente com os outros. Ele nos obriga, porque ao saber que sabemos não podemos negar que sabemos.

(Humberto Maturana e Francisco Varela)

Ao leitor,

Este livro destina-se a professores, a estudantes, a gestores, a pesquisadores ou a qualquer cidadão que se propõe a olhar para a Educação Profissional Tecnológica na modalidade a distância. Investigar esse campo de estudo pressupõe estar atento a uma prática educativa ainda cerceada de pesquisas e produções acadêmicas. Um modelo de educação em constante movimento, adaptação e de emergente discussão. Logo, é um convite ao leitor para estar junto na reflexão como um ato que se dá no desapego da verdade e das certezas.

Ao trilhar os caminhos que me levaram a idealizar este livro, sempre busquei estar atenta para uma escrita que me conduzisse até ao leitor, de forma a compartilhar com clareza e espontaneidade um processo de investigação cercado por um emocional declarado na paixão de explicar como fazemos o que fazemos. E nessa coordenação de ações fui, entre uma leitura e outra, aproximando-me da explicação exercida pela filosofia e da validação objetivada pela ciência, sobre conceitos e teorias que movem nosso cotidiano. Nesse percurso, busquei entender que o observador é livre na sua maneira de refletir, explicar e legitimar suas observações, pois nos constituímos na linguagem “quando começamos a explicar o que fazemos, e já estamos na experiência de observar, quando começamos a observar nosso observar.”

(MATURANA, 2006, p.126). Quando estamos no conhecer, estamos nos relacionando com coordenações de ações, ou seja, estamos na relação com o outro que gera novas afirmações, novos entendimentos e compreensões sobre nosso viver. Esse movimento só foi possível através de uma convivência com pessoas que compreendem a importância de aceitar o outro como legítimo outro na convivência.

Essa obra é originária de minha tese de doutorado que trouxe um olhar para as experiências daqueles que vivenciam o cotidiano dos polos de apoio presencial e que revelam sentidos para a Educação Profissional e Tecnológica a distância no IFSul. É nesse contexto que esse livro foi concebido, buscando trazer ao leitor uma reflexão sobre a necessidade contínua de transformações na educação profissional a distância.

Antes de me despedir é necessário explicar que o nome desse livro é uma homenagem ao neurobiólogo chileno Humberto Maturana que nos deixou no ano de 2021, criador da Teoria da Autopoiese e responsável pela minha constante busca do conhecer.

Boa leitura!

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
UM DAR-SE CONTA	17
CAPÍTULO 1	25
A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA	
CAPÍTULO 2	49
AO DAR VOLTAS COM A COLETIVIDADES DE VOZES SURGEM AS HISTÓRIAS	
CAPÍTULO 3	55
EMOÇÕES E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA	
CAPÍTULO 4	69
A CONQUISTA PROFISSIONAL E PESSOAL	
CAPÍTULO 5	81
O POLO E O DEVER PEDAGÓGICO	
CAPÍTULO 6	93
O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA	
REFERÊNCIAS	99

Prefácio

A aventura de ler um livro tem início com a provocação que ele desencadeia nos possíveis leitores. Para saber o que encontraremos no texto que nos propomos a ler é preciso conhecer onde o escrever chegou e os caminhos que estiveram presentes nessa escrita que se propõe a ser consciente, reflexiva e aberta a novas aprendizagens. O que vamos encontrar no presente livro? Mundos de significado, oriundos do nosso olhar de observadores, que trazem a experiência da Educação Profissional e Tecnológica a distância através de histórias construídas pelo narrar de professores coordenadores dos polos de apoio presencial.

O convite para escrever o prefácio do livro fez-me voltar no tempo e buscar, nas memórias, o encontro com a Cinara, uma professora pesquisadora, inquieta e espontânea que procurava um orientador para sua tese de doutorado. Nosso encontro produziu uma rede de conversações entrecruzadas no conviver de muitas pessoas e gerou uma cultura docente em ação que a distingue das demais e se conserva em sua contínua transição no conviver das pessoas que a vivem.

Na convivência amorosa, fomos aprofundando os estudos na biologia da cognição para conhecer a experiência na Educação Profissional e Tecnológica a distância do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Assumimos, com Maturana e com Varela, que “todo ato de conhecer faz surgir um mundo” e, como decorrência desse mundo, surgiu o presente livro EMOÇÕES E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA. Com a biologia da cognição, aprendemos que nossa ontologia constitutiva é de sermos seres amorosos e que o amar tem que ver com o escutar e não se relaciona com as exigências em torno de uma expectativa. Existimos como um presente contínuo em constante mudança no qual passado e futuro são modos de viver o presente. O passado nos diz do presente e, ao olharmos o futuro, imaginamos um devir.

O livro conta histórias que são originadas da escuta amorosa que a Cinara teve com os professores coordenadores dos polos de apoio presencial que ofertavam os cursos do Campus Pelotas Visconde da Graça do IFSul. As histórias entrelaçaram a experiência do viver imbricadas no emocionar e no linguajar dessa rede de conversações. No conversar surgiu o mundo da Educação Profissional e Tecnológica realizada a distância, possibilitando a todos nós, participantes do estudo, o dar-se conta junto de um fazer e de um emocionar. Mas que mundo emerge dessas histórias? O mundo das experiências dos professores coordenadores relatando as cenas, episódios, pensamentos e emoções que surgiram da vontade de significar e corporificar a experiência. Contam sobre o mundo cotidiano que valoriza o ensino técnico, a busca dos alunos por qualificação profissional, pela necessidade de inserção em um processo produtivo, e o quanto o desenvolvimento dessas comunidades estava alicerçado na profissionalização técnica dos seus cidadãos.

O estudo encontra ressonância com o momento atual (2020/2021) no qual vivemos o isolamento social e a necessidade de buscar soluções para a continuidade dos processos educativos. Fomos levados, para não dizer obrigados, a vivenciar a educação a distância em sua plenitude. Entretanto, apenas uma pequena minoria de professores e de estudantes haviam experienciado essa modalidade de ensino, o que gerou muitas dúvidas e insegurança em professores, estudantes e responsáveis.

Ao compartilharmos as experiências desses professores, oriundas da pesquisa, poderemos produzir mundos de significados que não se limitam a educação presencial. Nosso desejo é vivenciarmos um fazer educativo que não seja centrado em uma única modalidade de ensino, mas que todas as formas de fazer sejam o fundamento das ações do viver.

A vida e seus mistérios trouxeram a professora Cinara para meu convívio acadêmico, reativando uma amizade que supomos ser de longa data. Nada é por acaso!

Abraços fraternos aos nossos possíveis leitores!!!

Prof^a. Dr^a. Sheyla Costa Rodrigues
FURG

Um dar-se conta

A reflexão é um ato na emoção no qual se abandona uma certeza e se admite que o que se pensa, o que se tem, o que se deseja, o que se opina ou o que se faz pode ser olhado, analisado, e aceito ou rejeitado como resultado desse olhar reflexivo. Como tal, a reflexão é um ato que se dá no desapego que, quando é feita, nos liberta de qualquer armadilha. (MATURANA, 2003, p.31).

Em uma noite em que o silêncio soava como música, aos meus ouvidos, separei alguns livros para iniciar uma leitura e um estudo que me levasse ao encontro de algum começo daquilo que desejava escrever. Mas onde eu queria chegar? O que queria dizer? Estava receosa e, ao mesmo tempo, vibrante por perceber que todos aqueles livros me levavam a uma reflexão sobre a minha vida, sobre as coisas sobre o mundo. Larrosa (2013, p. 49) diz que “uma escrita silenciosa produz uma atenção concentrada e algo assim como um estar voltado para si mesmo”. Então, dou-me conta de que não bastava apenas um compêndio, era preciso mergulhar na busca de um caminho, de uma maturidade intelectual, de um sentido que não fosse amorfo.

Aos poucos, entre uma leitura e outra, fui me aproximando da explicação, exercida pela filosofia e da validação objetivada pela ciência, sobre conceitos e teorias que movem nosso cotidiano, entendendo que o observador é livre na sua maneira de refletir, explicar e legitimar suas observações. Isso ocorre porque nos constituímos na linguagem “quando começamos a explicar o que fazemos, e já estamos na experiência de observar, quando começamos a observar nosso observar.” (MATURANA, 2006, p. 126). Ao dar-me conta de que tudo o que penso, digo ou faço são construções próprias, sinto-me um pouco mais acolhida e passo a ambicionar, a “iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes.” (MARQUES, 2008, p. 15).

Nesse momento, sinto um despertar de sentidos e vivencio um domínio emocional que predispõe um desejo intenso de compreender o mundo que me cerca, na tentativa de descrever e explicar o que me passa, o que me acontece. Compreendo que faço parte de um processo de observação, ou melhor, me constituo nesse processo e passo a atuar no caminho explicativo da objetividade-entre-parênteses, entendendo que não existe uma única verdade, mas sim muitas verdades relacionadas com os diferentes domínios que atravessam nossa existência, a nossa experiência vivida.

Então, não se trata de um caminho inalterável seguido de uma única realidade, mas sim de uma conexão e de uma conformidade particular de cada observador com suas experiências. Percebo que, ao me incluir como observadora, preciso me desapegar das

minhas certezas e, principalmente, aceitar outras realidades advindas dessas observações. Maturana e Varela (2011, p. 22) afirmam que o apego às certezas é um impulso que nega a possibilidade de incluir as nossas experiências “como uma compreensão efetiva do fenômeno do conhecimento”. Quando estamos no conhecer, estamos nos relacionando com uma coordenação de coordenações de ações, ou seja, estamos na relação com o outro que gera novas afirmações, novos entendimentos e compreensões sobre nosso viver. Esse movimento conduz à compreensão de nós mesmos, de entendermos o que fazemos em nossas vidas diárias.

Esse movimento me leva a refletir sobre as limitações da visão mecanicista¹ e a pensar sobre a necessidade de entender e acompanhar o que ocorre a partir da nossa ontogênese e, conseqüentemente, a maturar sobre outra concepção de mundo. Para isso, é preciso compreendermos a nós mesmos, ou seja, entendermos o que fazemos em nossas vidas diárias, em nosso processo de viver. Varela (1993) fala que temos uma bricolagem² de identidades, ou seja, uma identidade imunológica, cognitiva, celular. Somos um conjunto de “eus” que se relacionam em diferentes domínios – vida, mente, grupos – que perpassam nossas visões de mundo. Será que essa concepção abre espaço para um eu espiritual? Acredito que sim. Talvez essa identidade espiritual não seja estabelecida num único eu, mas sim na prática cotidiana de ação e reflexão. Maturana (1999) dá voz à ideia de que somos envolvidos

¹ Refiro ao paradigma cartesiano apresentado por Descartes.

² Conversa com Francisco Varela – capítulo 12 “*A Emergent Self*”.

e concebidos na conduta das palavras e na reflexão linguística que possibilita uma autoconsciência de existirmos em um mundo social, em que somos definidos através da linguagem e por ela conduzidos. As palavras, além de manifestar o nosso pensar, projetam o nosso fazer, pois somos o que conversamos.

Essas inquietações estão diretamente relacionadas com a nossa origem histórica de interações, com a experiência vivida. Pensar em nossas experiências e transformações, ao longo da vida, é entender que transitamos em diferentes domínios e na configuração dinâmica que é a vida. Isso não é tarefa fácil. Mas, ao mesmo tempo, nos liberta para assumirmos nossas experiências, refletindo sobre como elas nos afetam e nos transformam.

Sinto-me tocada e desejo assumir minhas experiências, independente de adjetivos, sentindo e escrevendo tudo aquilo pelo que posso me responsabilizar no contexto de um olhar amplo, aberto para uma visão de mundo em que a consequência não seja um corolário, mas sim a transcendência dessa experiência.

E nessa configuração, vejo uma sociedade que sofre intensos e constantes períodos de reestruturação, trazendo alterações nos seus padrões sociais, econômicos, culturais e na configuração dos sujeitos que dela participam³. Uma destas transformações está nas relações que estabelecemos ao “desenvolver uma teia de relações formais por meio de uma coleção de histórias”

³ Refiro-me à ideia de Maturana (1999) em que é possível a transformação na convivência, em que as relações humanas são sustentadas no amor.

(CAPRA, 1995, p.64), que traduzem uma dinâmica de um possível entendimento da essência do mundo em que vivemos. Esse viver está na compreensão das relações que estabelecemos com o outro. Esse espaço de convivência é o que permite nos conhecermos, pois, “toda história individual humana é sempre uma epigênese na convivência” (MATURANA, 2009, p.28).

Maturana (2009) diz que as relações que se estabelecem num conviver, em que o amor é o fundamento do viver humano, são o Norte para decidirmos o que fazer com essas relações. Ele é um impulsionador para construirmos o conviver com o outro, é a base para tudo nas nossas relações, é uma condição indispensável para que continuemos vivos. É preciso pensar, refletir e entender quais são nossas emoções que nos fundamentam e nos dão sustentabilidade, para seguirmos agindo e nos relacionando como humanos que somos.

[...] temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia e em nossas relações com outros seres humanos e com a natureza toda e temos nos equivocado. Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto que o conhecimento é um instrumento. [...] o amor é o fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social, [...] (MATURANA, 1997, p.33).

Esse processo de reflexão do conhecer ocorre e surge na linguagem, ou seja, é no conversar que conhecemos o outro. Maturana (2009, p.91) afirma que “as conversações, como um entrelaçamento do emocional e do linguajar, [...] constituí e configuram o mundo em que vivemos como um mundo de ações

possíveis [...]. Os seres humanos somos o que conversamos [...].” É na linguagem que existe um comportamento, uma conduta que leva a um mundo infinito de interações. O *linguajear*⁴ é um processo que envolve condutas e ações de um modo de viver, num dado momento, ou seja, ele ocorre numa coexistência de interações recursivas.

Passo, então, a responsabilizar-me pelo meu viver, a partir daquilo que conheço e desejo na convivência com o outro. É nessa circularidade da reflexão que posso usufruir da autonomia, ou seja, me responsabilizando pelas minhas ações e desejos.

Nessa teia de relações, nas transformações do nosso cotidiano, me dou conta da gama de influências que conjugam tecnologia, sociedade e educação e passo a me questionar: como convivemos com a tecnologia desde sempre e não a percebemos em nossas vidas? Para Capra (1989), ela é um fenômeno que vem acoplado a uma profunda crise mundial e que reivindica a substituição de estruturas estáticas por mecanismos dinâmicos de mudanças. Para Maturana e Dávila (2006, p. 37), ela pode ser orientadora do modo de viver dos seres humanos, ampliando as habilidades operacionais em todos os domínios da atividade humana, não incorrendo no erro de interpretação de que as tecnologias são a solução para todos os problemas do mundo. Podemos aceitar o progresso tecnológico sem deixar suplantada nossa existência como se fôssemos aderir a forças sobrenaturais de forma inconsciente. É

⁴ *Linguajear* ou *linguajar* – termo cunhado por Humberto Maturana para explicar o fluxo de interações recorrentes num fluir de coordenações de conduta.

como se o autor estivesse nos dizendo: Calma! Vamos com cuidado. Ainda, somos nós, seres humanos, que operamos e realizamos as transformações no nosso viver e conviver, pois “as emoções não são virtuais, porque correspondem ao ocorrer interno do organismo como fundamento relacional”.

A tecnologia nos ajuda na transmissão da informação. O que fazemos e como nos apropriamos dela, somos nós que decidimos, somos nós que temos autonomia para tal. A tecnologia faz parte do nosso cotidiano e precisamos dela, porém não podemos aderir à ideia de que a nossa experiência não está acoplada ao mundo em que vivemos, ou seja, que ocorre de forma distanciada, separada do nosso mundo. Se, assim for, estamos aceitando a visão representacionista de que a objetividade é importante, enquanto a subjetividade é negligenciada. Nessa visão, o conhecimento é apenas uma representação mental daquilo que vemos e não se incorpora na nossa experiência.

Ao perceber que estamos no mundo em que a educação é mediada pelas tecnologias digitais, o sentimento que me toma é mais ou menos como o poema de Carlos Drummond de Andrade “E agora, José?”. São outros questionamentos, desafios, conflitos e realidades.

Ao refletir sobre as minhas ações e sobre o envolvimento com a modalidade de educação a distância, percebo essa condição dinâmica de constituição e penso o quanto ela tem uma dimensão desafiadora, inquietante, mas, acima de tudo, apaixonante. Uma experiência que me toca, que me

acontece e que faz sentido. E, como diz Larrosa (2014, p. 11), acredito que tenho meus próprios cantos de experiência, “também intensos e apaixonados, compostos, em sua maior parte, como ecos, variações ou ressonâncias de músicas alheias”.

É com esse desejo, coragem, sensibilidade e em um movimento contínuo de acordar, de dar-se conta que buscamos conhecer a Educação Profissional a distância, a partir do conversar teórico aproximando filosofia, ciência e educação.

Capítulo 1

A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

[...] não podemos deixar de notar que os seres humanos somos humanos na linguagem, e ao sê-lo, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece. [...] Quando refletimos sobre a linguagem, já estamos nela. Nestas circunstâncias, existem duas atitudes possíveis diante do conhecer: ou aceitamos nossa capacidade de conhecer como uma condição dada, ou nos perguntamos como é que conhecemos. (MATURANA, 2009, p. 37-38).

Parte das inquietações desta obra estão imersas na experiência e vivência com a educação a distância. Um envolvimento em que me coloco como um sujeito da experiência exposto, que tem como experiência “[...] a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma singular, finita [...]” (LARROSA, 2014, p.27).

Muito mais do que um acalento para esse desassossego e inquietação, está um emocionar de admiração e consideração pelo espaço educativo que está presente nos polos de apoio presencial. Pensar além dos muros institucionais, desafiou-me nessa caminhada.

Também desejo situar o leitor em uma escrita que não seja fosse apenas um registro de datas e fatos, mas a compreensão de um caminho histórico da Educação Profissional e Tecnológica - EPT, que se funde com a própria história política, social e econômica do Brasil, seja enquanto política pública de governo ou, simplesmente, como uma forma de ensino resultante de uma demanda gerada por um regime capitalista. Assim, não estabecerei nenhum viés de discussão aprofundada das implicações políticas e sociais da EPT, e sim, discorro sobre sua historicidade até o momento em que a modalidade de educação a distância possibilitou outro meio de formação profissional.

Nesse movimento, inicio situando a EPT como uma educação que possui uma trajetória alicerçada em mais de um século de história. Organizada e institucionalizada desde 1909, quando foi criada pelo Presidente Nilo Peçanha, a Educação Profissional e Tecnológica passou por diversos momentos históricos, destacando como marco inicial a efetivação das “dezenove Escolas de Aprendizes Artífices”, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito.” (BRASIL, 2009, p. 2). Acompanhando as mudanças no cenário brasileiro, a Constituição de 1937 transforma as Escolas de Artífices em Liceus Profissionais, objetivando que a oferta do ensino profissional fosse além da simples inclusão dos menos favorecidos, mas possibilitando uma

formação qualificada que atendesse o desenvolvimento e a expansão da indústria brasileira naquele momento.

Em 1959, acompanhando o “milagre brasileiro”, houve profunda transformação da EPT, pois as Escolas Industriais e Técnicas são transformadas em Escolas Técnicas Federais, intensificando a formação de mão de obra especializada diante da demanda da industrialização. Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 5.692 de 11/08/1971 - estabelece a obrigatoriedade do ensino técnico-profissional no currículo de nível médio. Tal fato foi um importante elemento histórico na consolidação da Educação Profissional e Tecnológica no país.

Já em 1994, a lei 8948/94 instituiu o sistema Nacional de Educação Tecnológica que autorizou a transformação de mais Escolas Técnicas Federais em Centro Federais de Educação Tecnológica – CEFET’s. Esta Lei iniciou as mudanças que culminaram na criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, existente até hoje. (BRASIL, 2009).

Nessa caminhada, talvez a mudança mais significativa no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tenha ocorrido com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IF’s (Lei nº 11.892 de 29/12/2008), pois trazem uma relação de ensino, ciência e tecnologia “relacionada com as demandas básicas do desenvolvimento nacional, tanto no tocante à formação dos trabalhadores e o fortalecimento de sua cidadania, quanto aos desafios do desenvolvimento da ciência brasileira.” (PACHECO, PEREIRA, SOBRINHO, 2010, p.

83). Os Institutos nascem com o desafio de atuar em todos os níveis e modalidades de ensino atendendo a uma formação com vistas a uma “educação como instrumento de transformação e de enriquecimento do conhecimento, capaz de modificar a vida social e atribuir maior sentido e alcance ao conjunto da experiência humana” (SILVA, 2009, p. 10).

A concepção dos Institutos relaciona-se a uma visão sistêmica da educação entendida como a possibilidade de interações entre as várias unidades da federação e das relações de diversas áreas do saber, em que seja possível atender as inúmeras demandas e necessidades da sociedade, através do desenvolvimento dos arranjos produtivos locais. Com essa visão, os Institutos⁵ passam a internalizar outra cultura que consiste no entendimento de uma formação integral do cidadão:

Os Institutos Federais devem possibilitar aos trabalhadores a formação continuada ao longo da vida, reconhecendo competências profissionais e saberes adquiridos informalmente em suas vivências, conjugando-os com àqueles presentes nos currículos formais. Os conhecimentos produzidos pelas pesquisas devem estar colocados a favor dos processos locais. É nessa via que a extensão pode possibilitar a segmentos e setores [...] o acesso ao conhecimento científico e tecnológico a fim de criar condições favoráveis a inserção e permanência no trabalho, de geração de trabalho e renda e exercício da cidadania, ao mesmo tempo em que aprende o conhecimento construído pela sociedade enriquecendo os

⁵ A rede é constituída por 38 Institutos Federais, 02 CEFET's, 25 escolas vinculadas às Universidades e 01 Universidade Tecnológica.

currículos de ensino e áreas de pesquisa. (SILVA, 2009, p. 10).

A EPT é vista como promotora da compreensão do trabalho enquanto princípio educativo e cultural, sendo entendida não apenas como uma educação voltada, exclusivamente, para uma formação executora laboral, mas também como uma formação orientada para um saber científico, tecnológico e cultural com vistas ao pensamento crítico e a políticas sociais e econômicas de suporte aos arranjos produtivos locais. Nesse sentido, a EPT procura dar conta de uma formação voltada para a ciência e para a tecnologia, na confluência de conhecimentos, saberes e competências mais abrangentes e não mecanicistas.

O Parecer da CNE/CEB 11/2012 retrata a concepção da Educação Profissional e Tecnológica como a necessidade de considerar que a ciência e a tecnologia são estruturas pertencentes à história e à cultura da sociedade, tanto no âmbito político como no social. O parecer apresenta uma Educação Profissional e Tecnológica que vai além de uma concepção de política assistencialista ou como simples forma de atender as demandas do mercado, mas passa a ser concebida como uma estratégia de alcance do cidadão à ciência e à tecnologia. (BRASIL, 2012).

A EPT existe em uma identidade que se atualiza e se reinventa a partir das múltiplas concepções que envolvem a cidadania e a realidade do mundo do trabalho, perfazendo uma trajetória que exige dar conta de um mundo multifacetado que ultrapassa o campo educacional.

A Educação Profissional agora na modalidade a distância

Em 2007, um novo rumo é dado na trajetória da EPT: o desafio de ofertar cursos técnicos na modalidade a distância, agora mediados pelas tecnologias de informação e comunicação. Para viabilizar a proposta de ensino profissional a distância, foi criado o Sistema Escola Técnica Aberta do Brasil (e-Tec Brasil), regulamentado pelo Decreto 6.301 de 12 de dezembro de 2007, que, em termos de política pública educacional, oferece, em regime de colaboração entre a União, Estados, Distrito Federal e Municípios, um maior acesso à formação profissional e tecnológica, ampliando a oferta dos cursos técnicos de nível médio em todo o território nacional.

Nesse mesmo ano, o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC e da extinta Secretaria de Educação a Distância – SEED, abriu o Edital 01/2007/SEED/SETEC/MEC, convocando as Instituições públicas, federais, estaduais e municipais que ministram o ensino técnico de nível médio, a apresentarem propostas para a oferta deste nível através da modalidade a distância, para municípios e Distrito Federal dispostos a receberem esses cursos.

Este é o primeiro instrumento que sinaliza a materialização da oferta da Educação Profissional Tecnológica a distância, com vistas à expansão do acesso ao mundo do trabalho por jovens e adultos, à reinserção de trabalhadores e à interiorização do ensino profissional. Posto isto, a história da EPT passa a

incorporar uma nova política educacional que aposta nas tecnologias digitais para ampliar o acesso do cidadão ao mundo do trabalho. Segundo o Parecer CNE/CEB 11/2012, todos os princípios e concepções que orientam a Educação Profissional e Tecnológica são igualmente válidos para a oferta na modalidade de Educação a Distância, ou seja, a oferta de cursos técnicos de nível médio a distância deve ser orientada pelo Catálogo Nacional de Cursos Técnicos determinados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC. Tal concepção é significativa para a elaboração dos projetos políticos pedagógicos dos cursos técnicos a distância, permitindo reflexões acerca da formação de profissionais devidamente preparados para o mundo do trabalho e suas relações.

O parecer do Conselho Nacional de Educação, salienta que os cursos técnicos a distância necessitam estar relacionados a algumas especificidades, a saber:

Disponer de tutoria presencial e a distância, preconizando a importância de profissionais capacitados nos conteúdos dos componentes curriculares; oferecer material didático organizado, para facilitar a construção do conhecimento e para ser um mediador na interlocução entre os sujeitos do processo educacional; proporcionar qualidade nos ambientes virtuais de aprendizagem pela tecnologia da comunicação e informação; disponibilizar polos de apoio presencial para o desenvolvimento dos cursos e para servir de ponto de referência aos estudantes. (RODRIGUES, BROD, NASCIMENTO, 2012, p.42).

Essas especificidades servem como base às instituições que desejam ofertar cursos na modalidade

EaD, evidenciando a importância e o cuidado que se deve ter na oferta dos cursos a distância. Entendemos a importância de seguir tais orientações, pois declaram o cuidado e a busca pela qualidade do ensino técnico a distância e, também, por outro lado reforçam a discussão sobre a efetivação dessa modalidade de ensino frente ao novo perfil do profissional almejado, bem como pelos incentivos públicos alicerçados no discurso da busca por um desenvolvimento local e regional.

Em 2011, o programa ampliou seus objetivos e permitiu a adesão de novas unidades de ensino, tornando-se uma das ações do Pronatec⁶, que para Winckler e Santagada (2012, p. 104) é uma ação que está “em sintonia com o arcabouço construído na área educacional e na busca de profissionalização dos trabalhadores e da população jovem desassistida pelas políticas públicas ao longo prazo”.

Nesse mesmo ano, por conta da ampliação do seu escopo, o programa passou a chamar-se Rede e-Tec Brasil regulamentada pelo Decreto 7.589, de 26/10/2011. A funcionalidade da rede é garantida pela Secretaria de Educação Técnica e Tecnológica do Ministério da Educação – SETEC/MEC, através de dotações orçamentárias do Ministério da Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, nos termos da Lei nº 11.273/2006. O programa reafirma-se com a finalidade de desenvolver a Educação Profissional e Tecnológica na modalidade de educação a distância - EaD, compreendida como estratégia de

⁶ Programa Nacional de acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

ascensão à escolaridade, tendo como preceito a permanência e a continuidade de estudos.

Conforme o decreto que institui a Rede e-Tec Brasil, a oferta de cursos técnicos na modalidade a distância é constituída por meio da adesão das instituições integrantes da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IF's e Escolas vinculadas às Universidades); às instituições de educação profissional vinculadas aos Sistemas Estaduais de ensino e as unidades de ensino do Sistema S que ofertem cursos de Educação Profissional e Tecnológica. Para receber os cursos técnicos na modalidade EaD as instituições interessadas deverão constituir polos de apoio presencial que podem ser instalados nas escolas públicas municipais, estaduais e Distrito Federal; em Câmpus dos Institutos Federais e nas unidades do Sistema S.

Todo o programa funciona através da concessão de bolsas de estudo e pesquisa, conforme a seguinte estrutura: coordenador-geral; coordenador-geral adjunto; coordenador de curso; coordenador de polo; coordenador de tutoria; professor-pesquisador; professor-pesquisador conteudista; tutor presencial e tutor a distância. É importante ressaltar que essa estrutura organizacional da modalidade de educação a distância apresentada pela Rede e-Tec Brasil é um modelo que se apoia em uma estrutura de ensino semipresencial, ou seja, que exige, em alguns momentos, a presença do aluno num determinado

espaço físico⁷ e, para isso, necessita a estruturação de ambientes similares aqueles da educação presencial.

A modalidade de Educação a Distância⁸ tem uma caracterização educacional didático pedagógica de estreita relação com as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, direcionando a educação brasileira para um novo cenário. Para Belloni (2008, p. 04) “[...] a EaD tende doravante a se tornar cada vez mais um elemento regular dos sistemas educativos necessários não apenas para atender a demanda e/ou a grupos específicos, mas assumindo funções de crescente importância, especialmente no ensino pós-secundário[...]”. Ainda, para a autora, a EaD é um meio possível de superar os problemas educacionais emergenciais para atender às crescentes demandas por educação. As mudanças ocorridas no acesso à informação e cultura serão cada vez mais midiaticizadas, bem como os processos de produção e de trabalho que reivindicam transformações nos sistemas educacionais.

As possibilidades de aprendizagem, através de ambientes virtuais, apresentam um cenário amplo e receptivo. No entanto, a tecnologia por si só não garante a aprendizagem, é preciso o entendimento da sua importância e do compromisso como processo de ensinar e aprender, a partir de uma dimensão pedagógica e de uma correlação reflexiva dos sujeitos que interagem, desencadeando um emocional que permita um desejo, uma vontade de aprender, numa perspectiva relacional

⁷ Polo de apoio presencial situado em cada município ou câmpus dos Institutos Federais.

⁸ Regulamentada partir do Decreto 5.622 de 19 de dezembro de 2005, artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei 9.394 de 1996).

que estabelecemos em nosso cotidiano. Muitas vezes, objetivamos um aprendizado específico e, no entanto, ele não é alcançado, pois o modo de relacionar-se não foi aceito, não está presente naquele espaço e não foi desenvolvido.

Na dinâmica de avanços das TIC, nos constituímos e somos formados em um ambiente presencial. A nossa ontologia de conhecimentos é permeada por ferramentas, processos, teorias e práticas pedagógicas desenvolvidas para o ensino num ambiente presencial. Por outro lado, como justificar a não inclusão das tecnologias digitais no cotidiano da sala de aula e em nossas vidas como um todo? No âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, as políticas públicas passam a vislumbrar o uso das TIC, na modalidade a distância, como uma nova perspectiva educacional para o futuro. Para Moore e Kearsley (2007, p.13) o desafio da EaD, também está no “[...] desenvolvimento de políticas, pelos legisladores, que ajudem as organizações educacionais a passarem de uma abordagem artesanal de ensino para uma abordagem sistêmica; [...]”. Nesse entendimento, a EaD tem sido apoiada e fomentada pelas diferentes esferas de governo, revelando no seu acolhimento a oportunidade de ampliação da educação.

Nesse viés, o Programa Rede e-Tec Brasil foi criado para ofertar a EPT através da modalidade a distância, expandindo a oferta da educação profissional e tecnológica para o todo o país. É visível essa nova visão estratégica em torno da EPT, assegurando a sua manutenção, ampliação e, principalmente, a intencionalidade econômica e social. Tanto a oferta da Educação Profissional e Tecnológica na modalidade a

distância, como a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, tornam-se possibilidades para os que estão desassistidos pelas políticas públicas.

A expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica ocorre através do Plano de Desenvolvimento da Educação. Pacheco, Pereira e Sobrinho (2010, p. 73) “ao romper com o projeto do governo Fernando Henrique Cardoso para a Educação Profissional e Tecnológica, o governo Lula o fez reconhecendo a importância da mesma para um desenvolvimento nacional soberano, sustentável e inclusivo [...]”. Na atuação da SETEC é possível visualizar a preocupação em desenvolver um diagnóstico que possa apontar as demandas sociais, culturais e econômicas para subsidiar políticas públicas que deem à Educação Profissional e Tecnológica o suporte necessário para sua efetivação enquanto formação do cidadão e não apenas de uma mão de obra qualificada.

No entanto, pensar a Educação Profissional e Tecnológica a distância não é somente pensar na execução de regulamentos e normatizações aceitas pelo papel, é sim pensar na singularidade exclusiva e particular de uma realidade. Não é suficiente falarmos em aumento de oferta de vagas, é preciso compreender como a EPT está sendo percebida nesse modelo; como ela atende à democratização do ensino técnico e às necessidades de formação do cidadão. Que experiências podem ser compartilhadas para alavancar e dar sustentabilidade à Educação Profissional e Tecnológica na modalidade a distância? Para esse entendimento é preciso conhecer as realidades que estão sendo

vivenciadas nas comunidades que recebem os cursos técnicos a distância. Então, desejamos conhecer a práxis do viver daqueles que atuam nos polos de apoio presencial e que são também observadores de suas experiências quando fazem distinções na linguagem.

Além disso, meu entendimento é de que as ações na EPT na modalidade de EaD são pautadas nas vivências e conhecimentos que não são inquestionáveis e absolutos, e sim alicerçados em um dar-se conta que para Maturana e Varela (2011, p.32) significa um fio condutor em que “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer”. Dessa forma, na qualidade de observadoras, desejamos conhecer a Educação Profissional e Tecnológica a distância do IFSul/CAVG pelo olhar dos professores coordenadores dos polos de apoio presencial. Entendo que conhecer “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (LARROSA, 2014, p. 48).

Os polos de apoio presencial são unidades operacionais para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância.

Contudo, tornam-se espaços onde experiências são compartilhadas, onde ocorre um viver e um conviver de interações que resultam em reformulações de experiências a partir das próprias experiências que levam o conhecer e, portanto, potencialmente capazes de colaborar com o desenvolvimento da Educação

Profissional e Tecnológica a distância. São espaços em que as experiências podem ser validadas no campo pedagógico, a partir do sentido que ela produz; que nas palavras de Larrosa (2014, p. 40), significa “dignificar e reivindicar [...] a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida [...]”.

Compreender a educação profissional a distância nos polos de apoio presencial é buscar o olhar e as vozes dos sujeitos que participam desse mundo, vivenciam o seu cotidiano e são integrantes ativos da sua contextualização. É dar voz a um coletivo que é imbricado no processo de formação do estudante. Acreditamos que a Educação Profissional e Tecnológica a distância, vai além de uma política pública de acesso à educação; ela traz a possibilidade de construção de espaços de convivência em que qualquer um pode se transformar e transformar a sua realidade cotidiana.

Os cursos técnicos nos polos de apoio presencial

Neste momento, descrevemos a trajetória e o envolvimento do Câmpus Pelotas Visconde da Graça – CAVG com os cursos técnicos a distância, refletindo e traçando considerações sobre a reformulação da experiência com elementos da própria experiência que envolvem a implantação da Educação a Distância – EaD, na instituição.

Para escrever sobre a trajetória da educação a distância no IFSul/CAVG foi preciso buscar um conjunto de expressões guiadas pela memória, pelos fatos, pelas datas e pelos documentos que fizessem emergir um emocionar próprio de tudo que foi vivenciado e experienciado na Educação Profissional e Tecnológica a distância do IFSul/CAVG, tendo como referencial o aforismo de Maturana e Varela (2011, p.31) que afirmam “tudo o que é dito é dito por alguém.”

O câmpus IFSul/CAVG, como é conhecido atualmente, constituiu-se originariamente pelo Patronato Agrícola em 1921, “criado, objetivando auxiliar o homem do campo através do aprendizado de seu filho [...]” (Antunes, 1996, p. 23). Após esse marco inicial, vários foram os períodos históricos e políticos que promoveram uma reorganização do ensino até que, em 1947, o então Aprendizado Agrícola Visconde da Graça passou a chamar-se Colégio Agrícola Visconde da Graça – CAVG. O Colégio foi incorporado como unidade da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), do Ministério da Educação e Desporto, pelo Decreto nº 56.881, de 16 de dezembro de 1969, tornando-se uma Escola Agrotécnica vinculada à UFPEL, sendo esta responsável pela educação técnica de nível médio.

Com um olhar para a história do CAVG, podemos observar que ele traz na sua trajetória educacional o compromisso com uma educação voltada para a formação de profissionais capazes de serem inseridos no mundo do trabalho, tanto por sua capacidade técnica como por sua formação de cidadão. Inicialmente, o CAVG restringia-se à oferta de cursos profissionais de nível técnico, voltados para alguns eixos dos saberes

profissionais. Até a década de 90, o perfil dos cursos atendia filhos de pequenos produtores rurais que subsistiam em regime de agricultura familiar ou como empregados do agronegócio.

Nos anos posteriores, após cerca de meio século como Escola Agrotécnica o CAVG passa a inovar, incorporando no seu perfil educacional, cursos superiores de tecnologia, licenciatura, educação a distância e pós-graduação, atendendo diversas áreas do conhecimento. Assim, o CAVG constitui-se em um câmpus com um perfil politécnico, ao diversificar a oferta de vagas em níveis e modalidades de ensino, proporcionando novas oportunidades tanto à comunidade local, como também a regional.

Em 2007, o CAVG participa do Edital 01/2007/SEED/SETEC/MEC, apresentando a primeira proposta de dois cursos técnicos na modalidade a distância: **Biocombustíveis e Agroindústria**. Após a aprovação dos cursos, o CAVG, ainda como escola vinculada à UFPEL, torna pública a abertura de inscrições ao processo seletivo (primeira turma), específico para ingresso nos cursos técnicos a distância em cinco municípios do Rio Grande do Sul que sediam polos de apoio presencial, totalizando 450 vagas. O Quadro 1 mostra a oferta e a distribuição de vagas do ano de 2009.

Quadro 1: Oferta de vagas nos cursos técnicos a distância ano 2009

Polos	Vagas	Cursos
Santa Maria	50	Técnico em Biocombustíveis
Canguçu	50	Técnico em Agroindústria
	50	Técnico em Biocombustíveis
São Lourenço do Sul	50	Técnico em Agroindústria
	50	Técnico em Biocombustíveis
Santo Antônio da Patrulha	50	Técnico em Agroindústria
	50	Técnico em Biocombustíveis
Bagé	50	Técnico em Agroindústria
	50	Técnico em Biocombustíveis

Fonte: a autora.

Nesse mesmo ano, um novo processo seletivo é aberto, ofertando mais dois novos cursos: Administração e Contabilidade.

Ao iniciar essa caminhada, passamos a compreender que não era possível falarmos em educação a distância em uma unidade onde esse perfil de ensino não é conhecido pela grande maioria dos gestores, funcionários e professores. Foi necessário criar o Núcleo de Educação Técnica e Tecnológica Aberta e a Distância – NETTAD, organismo que assumiu a responsabilidade pela coordenação, supervisão e operacionalização dos cursos técnicos na modalidade de EaD, tornando-se um local de referência em educação a distância para a comunidade do câmpus. Sua gestão administrativa e pedagógica passou a preconizar um desenho organizacional alicerçado em processos de trabalho e na concepção colaborativa das equipes

multidisciplinares (NASCIMENTO, MOREIRA, CANCELA; SAINZ, 2011). O núcleo, em conformidade com as legislações que regulam a Rede e-Tec Brasil, passa a ser responsável pela orientação na produção de conteúdos, pela capacitação de professores pesquisadores, conteudistas e de professores tutores (a distância e presencial), bem como se configura num espaço de interação e de gestão entre a sede e os polos de apoio presencial.

Um dos primeiros acontecimentos da trajetória de atuação dos professores, funcionários e gestores na EaD, no CAVG, foi a realização do Projeto denominado "Educação a distância: teoria e prática", que foi submetido e aprovado através do GAB/SETEC/MEC ofício 3427 de 03/11/2008. Com isso, buscou-se abordar os conhecimentos básicos dessa modalidade, levando a refletir sobre a natureza e sobre os saberes necessários para atuação em cursos a distância, bem como a possibilidade de despertar para outra cultura. Essa outra cultura, que, para Maturana e Verden-Zöllner (1998), significa a sustentação da modificação do emocional de um membro ou comunidade, permitindo o nascimento de uma nova cultura, apoiada numa rede fechada de conversações que se modifica ao alterar o seu conversar. Nessa epistemologia, é possível afirmar que a instituição CAVG estabelece uma nova cultura por conta das particularidades estabelecidas pelo fenômeno da educação a distância, ou seja, são novas ações e comportamentos que se configuram em um grupo específico, o qual se propõe e está disposto a vivenciar novas experiências, enquanto sujeitos ativos e atuantes, seja na docência, seja na gestão ou em outras áreas do conhecimento.

O curso foi estendido aos tutores presenciais e a distância, possibilitando a capacitação destes para a atuação na modalidade a distância. Posteriormente, caminhamos no sentido de estabelecer uma relação de apoio e de sustentação com os polos de apoio presencial. Para isso, utilizaram-se seminários e encontros que propunham a discussão e a reflexão das práticas realizadas pelo CAVG, na consolidação dos cursos técnicos a distância, no entendimento de que,

Nós seres humanos, podemos fazer qualquer coisa que imaginamos se respeitarmos as coerências estruturais do domínio no qual operamos. Mas não temos que fazer tudo o que imaginamos. Podemos escolher, e é aí que nosso comportamento como seres humanos socialmente conscientes importa. (MATURANA, 2006, p.198).

E foi nesse domínio particular de ações que configura o emocionar de cada um, que um grupo de professores assumiu o desafio de implantar cursos técnicos a distância, permitindo constituir outra cultura no espaço relacional de convivência. Maturana e Verden-Zöller (1998) sustentam que, ao existirmos no conversar e em redes fechadas de conversações, estamos vivendo em uma cultura que se apresenta em um *fluir* de emoções e ações dessa rede.

Mas constituir o NETTAD e viabilizar seu funcionamento, em uma cultura da EaD, não era suficiente. Era preciso pensar no material didático, na customização do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, ou seja, era necessário pensar em outra arquitetura pedagógica, para a qual há uma preocupação diferenciada na elaboração dos componentes

curriculares. Como os professores estavam, culturalmente, apropriados com o ensino presencial houve a necessidade de pensar a produção, a organização do material e a estruturação das aulas, considerando não apenas o conhecimento do conteúdo de cada disciplina, mas, principalmente, o conhecimento pedagógico presente em cada uma delas. Para Shulman (1986) o entendimento do conteúdo implica olhar não apenas para os fatos ou conceitos de uma área; exige a compreensão das estruturas da disciplina que se ensina. O conhecimento do conteúdo recebe suporte do conhecimento pedagógico do conteúdo, avançando para formas de representação de ideias, analogias, ilustrações, exemplos, explicações e demonstrações que tornem o assunto compreensível a todos.

Este conjunto de conhecimentos permite ao professor estar situado no contexto em que desenvolve seu trabalho, bem como possibilita um movimento colaborativo entre diversos saberes, concretizando um corpo de “compreensões, conhecimentos, habilidades e disposições que são necessários para que o professor possa propiciar processos de ensinar e de aprender, em diferentes áreas de conhecimento, níveis, contextos e modalidades de ensino” (MIZUKAMI, 2004, p. 38)

A preparação das disciplinas é de responsabilidade do professor que, junto com o coordenador do curso, realiza o seu planejamento. A produção dos conteúdos recebe o olhar da orientação pedagógica, a fim de “palatizar” para o aluno, quando necessário, a compreensão de um conteúdo mais técnico, abordado pelo professor. Na sequência, o conteúdo passa por uma revisão linguística, valorizando

o processo dialógico necessário a EaD. Após a aprovação dessas etapas, a disciplina passa à diagramação e posterior postagem no ambiente virtual de aprendizagem. É importante salientar que, além de sinalizar para a importância da revisão e controle de prazos, o fluxograma busca proporcionar a reflexão, a colaboração e o compartilhamento entre os diversos saberes envolvidos no processo.

A unidade pedagógica, composta pela assessoria pedagógica e linguística, atuou de forma precursora no processo de entendimento e concepção dos conteúdos, o que ocasionou, em um primeiro momento, um estranhamento por parte dos professores, pois somos constituídos em uma cultura individualista da concepção e produção do conteúdo da disciplina. Para a finalização das apostilas a serem utilizadas, no módulo impresso e no AVA, a Unidade Tecnológica utilizava-se das normas instituídas pela Rede e-Tec Brasil, através do Mapa referencial para construção de material didático – Programa e-Tec Brasil – ano 2008, o qual visava ao formato singular de diagramação e de identidade de cada Instituição, no entendimento da diversidade apresentada pelo cenário do programa. Abaixo, visualizamos a Figura 1 com customização do AVA para a primeira oferta dos cursos técnicos a distância do IFSul/CAVG.

Figura 1: Ambiente Virtual de Aprendizagem – Disciplina de Fundamentos de EaD

The screenshot shows the Moodle interface for the 'Fundamentos de Ensino a Distância' course. At the top, there is a banner with the text 'AVA - Moodle' and 'CAVG Ambiente Virtual de Aprendizagem' featuring a cartoon duck character. Below the banner, the course title 'Fundamentos de Ensino a Distância' is displayed in a blue box. The main content area contains a welcome message in Portuguese, a list of navigation links (Guia Didático, Fórum de notícias, Fórum Hora do Recreio..., Fórum de Dúvidas), and a 'Lembre-se' note. On the right side, there are several widgets: 'Últimas Notícias' (empty), 'Calendário' (showing November 2010), 'Seleção de Eventos' (with buttons for Global, Curso, Grupo, and Usuário), 'Atividade recente' (showing activity from November 8, 2010), and 'Próximos Eventos' (empty).

Fonte: Arquivo NETTAD/CAVG 2009.

Os primeiros anos do NETTAD podem ser identificados como um período em que o aprender e o ensinar foram marcados por um emocional colaborativo, imbricado em um desejo de vivenciar outra modalidade de formação; configurada na convivência com o outro e entrelaçada em um linguajar próprio daquela rede de conversação.

Maturana (2006, p.132) nos diz que:

Nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos etc.) são constituídos como diferentes redes de conversações, cada uma definida por um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence.

No ano de 2010, o Ministério da Educação estabelece que a Escola Técnica "Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça – CAVG", vinculada à Universidade Federal de Pelotas, passa a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense", passando a chamar-se Câmpus Pelotas Visconde de Graça. Nesse momento, uma nova gestão administrativa e pedagógica é inserida no contexto educacional do câmpus, modificando os processos de trabalho e as práticas pedagógicas. Para continuidade das ações de EaD faz-se necessário refazer os projetos políticos pedagógicos dos cursos técnicos de acordo com os processos educacionais instituídos pelo IFSul. Nesse momento, são criados os procedimentos didático-pedagógicos e administrativos específicos para EaD, os quais são incorporados na Organização Didática da Educação Básica, Profissional e Superior de Graduação do IFSul. O Câmpus CAVG passa a ter, no seu desenho organizacional, o Departamento de Educação a Distância - DEAD em substituição ao NETTAD.

Em 2012, a oferta dos cursos técnicos a distância tem continuidade, agora, através do Edital 015/2012 do IFSul – que dispõe sobre processo seletivo para ingresso nos cursos da modalidade de Educação a Distância oferecido pelo sistema Rede e-Tec Brasil no Câmpus CAVG, ofertando 2300 vagas em 17 polos municipais. No ano seguinte, através do Edital 154/2013, são ofertadas 2900 vagas em 20 polos, sendo incluído, pela primeira vez os polos municipais de Restinga Seca, Santana da Boa Vista e Vera Cruz. Em novembro de 2014, através do edital 191/2014, foi aberto processo seletivo, para ingresso no ano de 2015, que teve a oferta de 2100

vagas em 17 polos, incluindo novos polos municipais de Capão do Leão, São José do Norte e Venâncio Aires

Nesse cenário, o câmpus IFSul/CAVG insere-se e solidifica-se, dando continuidade à oferta de cursos técnicos na modalidade de educação a distância.

Capítulo 2

AO DAR VOLTAS COM A COLETIVIDADE DE VOZES SURGEM AS HISTÓRIAS

Deixar que a palavra “experiência” nos venha à boca (que tutele nossa voz, nossa escrita) não é usar um instrumento, e sim se colocar no caminho, ou melhor, no espaço que ela abre. Um espaço para o pensamento, para a linguagem, para sensibilidade e para a ação (e, sobretudo, para a paixão). (LARROSSA, 2014, p. 75).

Para conhecer a experiência na Educação Profissional e Tecnológica a distância do IFSul, passei a escutar as narrativas dos professores coordenadores de polos de apoio presencial que ofertam os cursos do Câmpus Pelotas Visconde da Graça do IFSul. Eles ocupam a posição de gestores, coordenando a parte administrativa (estrutura física e de pessoal) e auxiliam na mobilização, na motivação e nas demais relações didático-pedagógicas junto aos estudantes. Também são

o elo entre a comunidade que recebe os cursos técnicos a distância e as instituições públicas de ensino.

A percepção de que os coordenadores de polos de apoio presencial são a ligação entre as comunidades e as instituições é decorrente da convivência, em diferentes momentos e oportunidades, seja nas visitas in loco, nas reuniões, nas capacitações, nos encontros, nos seminários ou nas aulas práticas realizadas na sede da instituição. A partir de tal percepção, foi possível observar a importância constitutiva desse espaço (polo) na vida dos sujeitos que dele participam. Os professores coordenadores são representativos na medida em que, individual e socialmente, se encontram em um movimento de construção e reconstrução de experiências na função que desempenham e também porque reúnem um conjunto de saberes provenientes do exercício da profissão docente. Eles prontamente aceitaram o convite e colaboraram através da escrita em um espaço que foi denominado "Meu diário". Tivemos a participação de dezesseis polos.

Para Connelly e Clandinin (1995, p.12, tradução nossa) é correto abordar "a narrativa tanto como fenômeno que se investiga quanto como o método da investigação." Ainda, segundo os autores, a narrativa permite a representação da educação como construção e re-construção das histórias pessoais e sociais. Por isso,

a razão principal para o uso da narrativa na investigação educativa é que nós, seres humanos, somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O esboço da narrativa, portanto, é o estudo da forma em que os seres humanos

experimentam o mundo. (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11, tradução nossa).

A narrativa ainda pode ser vista como uma forma que faz nascer um processo e que pode ser explorada em qualquer cultura, pois cada um é uma versão do mundo, podendo, assim, retratar a sua versão sobre uma realidade ou significado (BRUNER, 1984). Conforme Carter (1993), conhecer as histórias é um modo especial de capturar a riqueza e as diferentes fases do conhecimento humano, bem como, “[...] uma forma, em outras palavras, de captarmos a complexidade, as especificidades e a interconexão dos fenômenos com os quais lidamos [...]”. (CARTER, 1993, p.6, tradução nossa).

A partir da escrita dos diários, as narrativas singulares mostraram a importância da EPT a distância sob o olhar de uma observadora implicada. Certamente, o que busquei nas narrativas não foi a existência de uma verdade absoluta, de uma apologia que nos remeta à condição de analisar o certo ou errado, e sim, um contar que nos permite enxergar um mundo de experiências, relatos e histórias significativas que vêm ao encontro dos motivos pelos quais buscamos conhecer o processo educativo.

Mas, como dar unicidade à polifonia de vozes dos coordenadores de polo, transformando suas vozes singulares, expressas nas narrativas de seus diários, em algo que evidenciasse ou contasse as experiências ali relatadas com a vivência na Educação Profissional e Tecnológica a distância. Minha intenção não era reduzir as múltiplas vozes que contavam as experiências vividas, ao contrário, senti necessidade de encontrar em suas narrativas algo que fosse comum, semelhante ou que

ocorria recorrentemente nos polos presenciais. Desejava contar as histórias dos polos. Mas, também não desejava histórias isoladas. O que fazer? Olhar as narrativas, pois compreendia que seriam elas a indicar o caminho que melhor se adequaria para mostrar suas experiências.

Assim, emergiram temas recorrentes que possibilitaram sair da singularidade da narrativa para a coletividade das vozes, para criar e contar histórias que refletem a Educação Profissional e Tecnológica a distância ofertada pelo IFSul/CAVG.

As histórias foram construídas para dar visibilidade a esta polifonia. Pela recorrência foi possível identificar o que lhes aconteceu, lhes tocou ou lhes passou a fim de mostrar a experiência vivida em relação à educação profissionalizante a distância.

Na construção das histórias, coloquei-me na qualidade de autor/narrador das narrativas singulares dos professores coordenadores de polo. Tive que entrar de corpo inteiro, todo o tempo, relatando cenas, episódios e pensamentos daqueles que passaram a ser personagens das histórias que agora eu conto.

As histórias enatua⁹ das múltiplas vozes dos coordenadores, pois foi a partir do contar de suas experiências que emergiu a voz do narrador que escuta o que contam e reconta. Registramos em cada leitura um sentimento próprio daquele momento e, por isso, saímos da inflexão intimista e deixamos o espírito exteriorizar a emoção.

As histórias passaram a revelar os escritos sobre as múltiplas experiências dos polos de apoio presencial. Desvendar, compreender e interferir sem modificar

⁹ Refiro-me a Teoria da Enação do biólogo chileno Francisco Varela.

foram desafios impostos a todo o momento. Enquanto ouvinte implícita das vozes, sujeito situado na *práxis* do viver e no entendimento de que nossos desejos determinam o curso da história humana, passei a buscar as marcas teóricas ali registradas. Larossa (2014, p.12) nos diz que “[...] pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou prática.”

Contando as histórias

Escrevemos histórias que não têm começo, meio ou fim – são recheadas de memórias, sentimentos, significados, opiniões - histórias feitas de palavras que formam frases e dão sentido a uma realidade que é de cada um. Mas, se quisermos um início – apenas para não sair da forma habitual de situar um começo – podemos dizer que elas surgem da vontade de significar e corporificar uma experiência, uma vivência. Ou talvez, elas surjam da simples vontade de agir mais do que pensar. O que escrevo é mais do que desejo, é necessidade de dar voz às narrativas dos professores coordenadores. Precisamos não ter medo de começar, mas o medo do desconhecido, de desvelar quem somos, sempre nos assusta. Não, não é fácil escrever, mas é preciso. Contar o que os professores escreveram, é importante. Importante? Para quem? Sim, importante para quem convive ou conviveu e compartilha dessa realidade e, quem sabe, importante para aqueles que, também, gostam de ler sobre as experiências de outrem.

As histórias convidam-me à reflexão que envolve um mundo que se configura em coordenações de coordenações de ações¹⁰. Ao emergir a reflexão, estamos dando lugar aos fundamentos do nosso emocionar, deixando nossas emoções determinarem o curso do nosso fazer. (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 1998). Com isso, essa escritura traz uma conduta emocional que busca dar sentido à experiência e não à verdade, pois como diz Larrosa (2014, p. 5) “escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido”.

No próximo capítulo, o leitor será apresentado às histórias que contam as experiências dos polos de apoio presencial que ministram a Educação Profissional na modalidade de EaD.

¹⁰ Expressão cunhada por Maturana (2006) para explicar que a linguagem é um modo de viver juntos, ou seja, num domínio consensual de ações, nos modos os quais realizamos nossos afazeres.

Capítulo 3

EMOÇÕES E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL A DISTÂNCIA

[...] Com esse algo que acontece ou que nos acontece, que não é simplesmente uma projeção de nós mesmos, que às vezes pesa, e às vezes dói, e às vezes é incompreensível, e que eu gostaria, ao menos aqui e agora, de continuar nomeando com essas velhas e arruinadas palavras sem as quais a palavra “experiência” não tem sentido: a palavra “realidade” e a palavra “vida” (LAROSSA, 2014, p. 112).

Na história que nomeamos de **Emoções e Linguagem na Educação Profissional a Distância**, encontrei um sentimento de valorização da EaD como possibilidade de tornar a formação do cidadão algo viável, uma possibilidade de realizar sonhos e de continuar em frente, almejando outros caminhos ou, simplesmente, solidificando aqueles já existentes. As experiências dos professores coordenadores, também,

levam-me a fazer um diálogo teórico com alguns aspectos que perpassam essa modalidade de ensino como, por exemplo, as tecnologias digitais, a cultura e a política educacional brasileira.

Nesse processo, desejei estar sempre na direção de desencadear um conhecer a partir da reflexão, pois ela é um processo de conhecermos a nós mesmos. Somente se nos envolvermos nesse processo de reflexão, podemos perceber que nossas ações e nossa experiência formam uma teia, permitindo chegar à afirmação de que “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 31).

Eram quatorze horas de um domingo frio e ensolarado, abro o meu e-mail e sou acometida por uma abundância de mensagens. Todas trazem muitas vozes, as quais falam sobre a educação a distância. Não consigo ouvir direito, elas falam ao mesmo tempo. Então, presto mais atenção, e percebo as vozes de forma uníssona, que dizem assim:

A EaD é um trabalho de muitas mãos apaixonadas, e me incluo nessa paixão. Desde o surgimento da EaD, sempre ouvi muitos elogios a respeito, alguns colegas tutores daqui me avisavam dos processos de seleção que surgiam, mas não conseguia 'me ver' neste espaço... Achava estranho! Sempre fui uma professora rebelde, mas não no sentido de não cumprir regras, e sim no sentido de fazer as coisas de outro jeito ou olhar sob outro ponto de vista. A EaD me sugeria distanciamento e pouco calor humano... e

sempre fui movida pela emoção sem tirar o pé do chão, mas ligada nas pessoas que me cercavam (alunos, pais, colegas), a troca de energia me faz renovar! Minhas experiências, até então, eram em Escolas Municipais e Estaduais de Ensino Fundamental e Escolas Estaduais de Ensino Médio, também na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Como conselheira do Conselho Municipal de Educação comecei a entender a realidade da rede municipal e os sonhos da minha cidade.

Para escutar as múltiplas vozes dos coordenadores de polo, tive que aquietar o espírito e o coração e deixar que as histórias emergissem na afluência de suas vozes, pois são eles que vivenciam cotidiana e rotineiramente a experiência de estar com os alunos, tutores e professores. E são essas vozes que contam como são, o que fazem e as emoções que envolvem o seu viver, que envolvem tragédias, alegrias, esperanças...

O município passou por uma enxurrada, nunca antes vista na história da região. Todo o município foi atingido direta ou indiretamente. Eu mudei de casa, trabalho, bairro..., tive que me organizar (por dentro e por fora) em uma semana. Tudo estava estranho!... Os alunos perderam seus computadores, livros, estímulo... Tínhamos uma formatura marcada, primeira do CAVG no nosso Polo. E agora José???? Junta, remenda, recupera, tira forças (de onde "ninguém tinha") para apoiar. Enfim, conseguimos!!!! A primeira formatura foi minha primeira emoção positiva. Conseguimos animar muitos alunos a participarem da cerimônia, vendemos rifas para arrecadar o dinheiro que estava faltando... e o dia chegou! Não conhecia os professores e Diretor do CAVG, mas quando aquele transporte chegou, últimos ajustes,

e começou a formatura... bah!!! Jamais esquecerei a postura dos professores e diretor (com um pé imobilizado) caminhando firme em direção ao palco. Momento com música forte, personalidades marcantes e passos que arrastavam o público. Foi "o instante que vi que a EAD com rostos, passos firmes, característica inovadora e gente apaixonada".

As marcas que deixamos nada, nem ninguém conseguem apagar, por isso sigo escutando/lendo suas vozes, pois elas remontam as histórias vividas. E, ...

...os dias foram passando e eu aprendendo e conhecendo... Pude observar a felicidade, a realização nos olhos daquele grupo de alunos e tutores. Encantei-me com a diferença de idades entre os alunos daquelas turmas (e também nas seguintes), realidades urbanas e rurais, tudo tão distinto e objetivos tão parecidos. Vi pela primeira vez a DEMOCRACIA no Ensino Técnico. Então o EAD é UMA FORMA DE REALIZAR SONHOS, devolver o brilho no olhar e a sensação de "EU SOU CAPAZ" perdida por muitos nos caminhos da vida. A empolgação dos alunos é tanta que não se contentam em fazer apenas um curso, matriculam-se em Cursos Técnicos, Superiores e não param mais.... Algumas perguntas como - (é de graça?) - são comuns... e a resposta: SIM, ENSINO PÚBLICO, GRATUITO e de QUALIDADE! Tudo que nossa comunidade, município, necessitava. Esta vontade do povo e a vontade política de "fazer acontecer" foram determinantes para que esta história seja hoje o que é!

Como não contar como o medo poderia ser maior do que o desejo de mostrar ao outro que podemos fazer a diferença, com oportunidades e responsabilidade educativa e social? O que representa a EaD para essas

comunidades pode ser sentido nas suas marcas, em suas falas.

A educação a distância é essencial e de grande valia para o desenvolvimento humano, deu oportunidade a muitos que não podiam estudar. Como referência disto podemos citar a emoção e dedicação daquelas pessoas que há muitos anos haviam deixado de estudar e/ou não tinham dificuldades com as tecnologias. Claro, que no começo há os obstáculos, mas com o passar dos dias eles são superados pela vontade do crescimento pessoal. Sonhar e construir oportunidades são um dom, é criar a oportunidade, pensar no outro, acreditar num futuro melhor com pessoas felizes! Sempre prego que o estudo deixa as pessoas mais jovens, mais ativas, mais críticas e mais capazes...

Diante desta realidade e com o aparecimento das tecnologias digitais houve então uma mudança significativa no ensino-aprendizagem, e desta forma, nosso município foi contemplado com novos profissionais, técnicos habilitados ao mercado de trabalho. A EaD veio, de fato, para democratizar o acesso ao ensino. Jovens de todas as idades têm oportunidade para continuar ou reiniciar seus estudos. E, o Polo vem a ser sua referência, de certa forma, o seu porto seguro.

De repente, tudo parou. Teriam cessado? Não, apenas uma pausa para pensar e continuar a dizer, a falar, a lembrar, a buscar pela emoção daqueles momentos, daquela vivência. Olhei para fora e o sol continuava vívido, porém dando sinais que o seu tempo estava indo. Então, fecho meu e-mail e saio, discretamente, ainda escutando, pensando e desejando voltar.

A história permite compreender seus significados explícitos e implícitos, teorizando-a e, mais do que isso, escutando e dando voz aos nossos interlocutores, coordenadores de polo, em um processo de reconhecimento e de valorização das ações que mostram ser possível uma educação de qualidade fraterna e igualitária.

Estando sempre voltada para o emocionar e o conhecer, pude enxergar um referencial da experiência, descrito em um contexto teórico plural, o que me levou a fazer interlocuções com autores que me tocam, me atravessam e são capazes de dar conta da teorização implícita nas histórias.

A história coletiva mostra a transformação que se apresenta na biografia da vivência do mundo que cerca essas pessoas. Esse processo pode ser destacado nas palavras de Varela (s/d) como uma ligação com as faculdades cognitivas que se apresentam e vão aparecendo, conforme se caminha. Ou seja, a imagem da cognição que se proporciona é o que faz emergir um mundo, que *en-age*¹¹, evidenciando um processo do conhecer que se une a um "mundo de significados preexistentes, em desenvolvimento contínuo ou quando forma um mundo novo [...]". (VARELA, s/d, p. 89). O autor ainda destaca que nosso cérebro está em constante enação de mundos diferentes, superando a abordagem da representação que nos traz, apenas, um mundo refletido. "Sempre operamos em uma espécie de imediatismo em relação a uma dada situação: o mundo em que vivemos está tão pronto e à mão que

¹¹ Refiro-me à Teoria da Enação do biólogo chileno Francisco Varela.

absolutamente não deliberamos sobre o que ele é e de que forma o habitamos". (VARELA, 2003, p.40).

Assim, passei a ficar completamente entrelaçada em um dar-se conta que focaliza diversos aspectos e situações do cotidiano vivenciadas pelos professores coordenadores, nos polos de apoio presencial, em um operar recorrente. Para Varela (2003, p. 41) vivemos imbricados em fenômenos que estão próximos das nossas experiências cotidianas, em que "a maneira como nos mostramos é indissociável da forma pela qual as coisas e os outros se apresentam para nós". Por isso, entendemos que o conversar dessa comunidade não é inócuo à medida que revela seus afazeres e concebem o que são.

O fragmento *A EaD é um trabalho de muitas mãos apaixonadas, e me incluo nessa paixão [...], [...]*, traz um emoionar configurado na convivência com o emoionar do outro, ao ponto de existirmos recursivamente em domínios consensuais de conduta, capazes de nos levar a operar na linguagem. Maturana nos diz que existimos como tais na linguagem, permitindo estar em um processo de reflexão do conhecer a nós mesmos e ao outro. E a linguagem se constitui no fluir em coordenações consensuais de condutas em que "o peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emoionar. (MATURANA, 2009, p.19).

Ao nos encontrar na linguagem, estamos em um modo de vida que se configura em diversos domínios de coordenações consensuais de ações. Maturana (2009,

p.22) sustenta que “não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato.” Assim, se olharmos as ações do outro, estamos vendo suas emoções que fundamentam suas ações. Por isso, o autor afirma que não é a razão o que nos leva à ação, mas a emoção.

Para Maturana e Dávila (2006) o amor é a emoção que acolhe todos na convivência, tornando possíveis as relações sociais que se fundam dessa aceitação. Podemos observar a emoção daqueles que vivem o cotidiano da implementação da EaD nos polos de apoio presencial, em uma história baseada em estar juntos em interações recorrentes que trazem um modo de vida na convivência, revelando muito mais do que uma simples descrição semântica dessas interações, mas uma conduta, um comportamento ontogênico. Maturana e Verden-Zöllner (1998, p. 09) dizem-nos que “ao viver fluímos de um domínio de ações a outro, em um contínuo emocionar (vivenciar as emoções) que se entrelaçam com nosso linguajar. A esse entrelaçamento chamamos de conversar.”

Então, atravessada pelo linguajar¹² e o emocionar, essa história faz emergir um mundo de significados que permitem a reflexão, o entendimento e o alcance da modalidade de educação a distância na formação profissionalizante do cidadão.

O surgimento da EaD no Brasil não é novo, data do século passado. Nos registros históricos da educação brasileira encontramos, por exemplo, o ensino por

¹² Termo cunhado por Humberto Maturana enfatizando o caráter de atividade, comportamento.

correspondência que ofertava cursos voltados para pessoas em busca de empregos, na área do comércio e serviços. A transformação deste cenário deu-se por conta dos computadores, da internet e, também, das políticas públicas. Maturana (1999) nos diz que a educação a distância possibilita a disseminação do conhecimento para qualquer pessoa, de qualquer origem, aceitando o aspecto cultural do estudante como legítimo para dar início a qualquer estudo e, respeita o ritmo de aprendizagem do estudante. É uma solução para a educação massiva que dá a possibilidade de experiências semelhantes àqueles que não tinham acesso aos estudos, estando sempre separados por barreiras culturais e econômicas.

O fragmento da história *com o aparecimento das tecnologias digitais houve então uma mudança significativa no ensino-aprendizagem e desta forma nosso município foi contemplado com novos profissionais, técnicos habilitados ao mercado de trabalho*, destaca o potencial da EaD e o quanto essa modalidade de ensino pode fazer a diferença na vida pessoal e profissional daqueles que a vivenciam.

A evolução da tecnologia, como provocadora da revolução no ensino, trouxe como consequência modificações no conhecimento. As mudanças auferidas na vida humana com a presença das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) oportunizam e potencializam um acesso global e ágil ao sistema educacional. Destacamos o acesso e a popularização do ensino como facilitadoras destes processos transformativos.

A EaD, hoje, conjectura uma caracterização educacional didático pedagógica de estreita relação com as TIC, por exemplo, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), direcionando a educação brasileira para novas possibilidades. A utilização desses ambientes permite interações e caracterizam uma sala de aula diferenciada. Oferecem suporte para a administração e controle, tanto dos conteúdos quanto do acesso e da navegação, por parte dos alunos. Podemos dizer que tais recursos se constituem como suporte aos processos de ensino e de aprendizagem, utilizado na educação a distância e na presencial. É possível ver a transposição dos tradicionais modelos educacionais frente às possibilidades oferecidas pela tecnologia.

Para Adell, Bellver e Bellver (2010, p. 245) o ambiente virtual “[...] está projetado expressamente para facilitar o acesso a materiais de aprendizagem e à comunicação entre estudantes e professores e entre os próprios estudantes”. Representa, portanto, um espaço em que é possível desenvolver uma aprendizagem coletiva e individual, à medida que possibilita trocas entre inúmeros sujeitos. Conforme esta percepção, torna-se evidente a característica da aprendizagem em duas vias, ou seja, os autores envolvidos passam a interagir e irão responder na forma como o ambiente está disposto e receptivo para tal.

Apesar do entendimento e da sinalização, para o uso massivo do computador, é preciso considerar que uma parte significativa da população brasileira ainda não usufrui desses recursos tecnológicos.

É nesse aspecto que as políticas públicas alavancam uma nova perspectiva educacional para o

futuro. Essa perspectiva tem sido apoiada e fomentada pelas diferentes esferas de governo, revelando, no acolhimento da modalidade de educação a distância, a oportunidade de ampliação da educação. Moore e Kearsley (2007, p.21) afirmam que com a educação a distância “[...] mais pessoas estão obtendo acesso mais facilmente a mais e melhores recursos de aprendizado do que podiam no passado [...]”. Nesse soslaio, está o programa Rede e-Tec Brasil que se caracteriza como uma política pública, implementada na Educação Profissional, visando à ampliação de vagas públicas e possibilitando o acesso à educação para milhões de jovens e adultos trabalhadores.

No caso do ensino técnico, essa relação/identificação de oportunidade de formação, ampliada pela modalidade de educação a distância, não somente é visualizada na história contada como, também, em dados que a SETEC/MEC disponibiliza na avaliação da Rede e-Tec Brasil.

O fragmento da história *o EAD é uma forma de realizar sonhos, devolver o brilho no olhar e a sensação de "EU SOU CAPAZ" perdida por muitos nos caminhos da vida [...]. A educação a distância é essencial e de grande valia para o desenvolvimento humano, deu oportunidade a muitos que não podiam estudar*, aponta para a modalidade de EaD como promotora e viabilizadora de mudanças na vida daqueles que não possuem acesso aos “bancos escolares” regulares. Ela surge como oportunidade e rompe com as limitações de espaço e de tempo e, como referência permite que “os espaços de formação sejam construídos a partir das inter-relações entre sujeitos, culturas e saberes” (BRITO, 2009, p. 12).

Comporta um lugar sistemático, econômico e de massa para formar sujeitos capazes de discutir e tratar de questões tanto cotidianas, quanto complexas, da sociedade contemporânea. Também é percebida como uma modalidade capaz de modificar o contexto educacional, promovendo interatividade, autonomia e colaboração.

Ao afirmarem que *nosso município foi contemplado com novos profissionais, técnicos habilitados ao mercado de trabalho vemos que a EaD veio, de fato, para democratizar o acesso ao ensino. Jovens de todas as idades têm oportunidade para continuar ou reiniciar seus estudos*, os professores coordenadores sinalizam, de forma positiva, para a utilização da EaD como forma de acesso da população à educação. Por outro lado, consideramos que a modalidade de educação a distância vai além da premissa de possibilitar o acesso àqueles que se encontram distanciados social e geograficamente dos tradicionais sistemas de ensino. Ela sinaliza para um engendramento de uma outra concepção de ensinar e de aprender, atendendo uma demanda de saberes e outro perfil de estudante. É preciso realizar um esforço contínuo, com discussões e com pesquisas para compreender esse fenômeno na sua concepção de proposta pedagógica, de docência e de aprendizagem, evitando, assim, a transposição do modelo presencial.

Isso corrobora o entendimento de que a educação a distância traz a quebra do paradigma educacional tradicional, realizando um movimento da concepção "de educação como sistema fechado, voltado para a transmissão e transferência, para um sistema aberto,

implicando processos transformadores que decorrem da experiência de cada um dos sujeitos da ação educativa” (BRASIL, 2001, p. 14, *apud* Almeida, 2002, p. 03)

O excerto que diz *A EaD veio, de fato, para democratizar o acesso ao ensino. Jovens de todas as idades têm oportunidade para continuar ou reiniciar seus estudos*, nos perturba e, nos leva à reflexão de que precisamos continuar a procurar mecanismos para democratizar a educação em todos os níveis. Esse chamado é tão intenso que não podemos deixar de escutá-lo, é preciso buscar uma institucionalização para efetivar, de fato, a democratização do ensino a distância, público, gratuito e de qualidade. A democracia é descrita por Maturana, como um sistema político que se define como um modo de convivência em que todos os assuntos de uma comunidade são públicos e estão ao alcance para a reflexão e ação de todos os cidadãos. A criação da democracia “começa no espaço da emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência”. (MATURANA, 2009, p. 77).

Ainda, para o autor supracitado, a educação a distância, quando aceita e acolhida por todos, possibilita uma modificação no ouvir, ver e fazer, na convivência de um país, pois permite a cooperação e a valorização do indivíduo derrubando as barreiras culturais e econômicas. A EaD “permite ampliar a realização do viver democrático”, criando um espaço reflexivo onde o linguajar e o emocionar são comuns, possibilitando o desaparecimento das diferenças culturais a que somos submetidos. (MATURANA, 1999, p.149, tradução nossa).

Assim colocada, a educação a distância sinaliza para um espaço de formação representativo, nas comunidades que recebem essa modalidade. Através dessa história, podemos perceber a aceitação da educação profissional a distância, à medida que se visualiza a melhoria de vida das pessoas. Nesse sentido, é notório o avanço da educação, no entanto, há um limite que devemos observar. Não podemos continuar apenas na euforia provida desse momento, precisamos estar atentos para uma educação com lastros sólidos, tanto em tecnologia, como em valores pedagógicos. Ampliar os espaços de formação e de capacitação requer responsabilidade educativa e social. E isso não é tarefa exclusiva de uma política pública, mas sim da consciência de cada um de nós. Para isso, é preciso constituir uma prática reflexiva sobre o viver e o conviver enquanto possibilidades de aprender com o outro, na consideração, na colaboração e na aceitação.

Capítulo 4

A CONQUISTA PROFISSIONAL E PESSOAL

Em consequência disto, enquanto estou vivo e até que morra, vivo em interações recorrentes com o meio, sob condições nas quais o meio e eu mudamos de maneira congruente. (MATURANA, 2009, p. 62).

A educação vai além de uma tarefa, é um processo de constituição do indivíduo e da sociedade, sociedade e indivíduo. Ela está inserida em uma dinâmica modulada pelo entendimento daquilo que desejamos como cidadãos partícipes de uma comunidade. Nesse entrosamento, dou-me conta daquilo que desejo encontrar nas Instituições que ofertam cursos de formação.

Esse parece ser o testemunho das comunidades que recebem os cursos técnicos a distância, relatado na história: **A conquista profissional e pessoal.**

Uma vez por outra acordava de madrugada e buscava um acalento para a insônia vívida que se apresentava. E, lembrava das vozes que ainda não haviam cessado. Abria o computador e elas fluíam...

A busca pelos cursos técnicos é algo que impressiona. O número de candidatos é sempre muito alto. Os alunos dos cursos técnicos quase todos trabalham, então o nosso aluno é um trabalhador que já está inserido no mercado de trabalho. Busca realização profissional e pessoal.

Hoje a vontade política e oportunidades que o Governo Federal oferece permitem a muitos jovens permanecerem em seu município, estudando, melhorando suas propriedades e agronegócios com os conhecimentos adquiridos. Fato muito importante, pois não perdem o vínculo com suas raízes e permanecem no meio rural. Os que moram na zona urbana têm como competir e disputar um emprego digno melhora sua vida, a economia local e da região. Desenvolvimento e crescimento para o Município e, por consequência, o RS.

Dar voz a esses relatos é poder romper o silêncio de um pensamento, às vezes, longe, às vezes, dissipado, mas sempre atento àquilo que vive, sente e presencia. É permitir aos atores que vivenciam as histórias nos contarem suas emoções, vivências, marcas, trajetórias para que elas não se percam no fluxo do nosso viver.

Desde a implantação dos cursos técnicos da Rede e-Tec do IFSul/CAVG, a educação teve um salto de qualidade e conseqüentemente expandiu-se para as

idades vizinhas. É importante e gratificante poder contar com cursos técnicos no nosso município e, além disso, com a assinatura do CAVG. Os cursos qualificam os programas de agroindústria familiar, da aquisição da alimentação escolar e cooperativismo existentes no município. Os dados mostram que o 'povo' tem uma paixão pelos cursos técnicos. Acredito que a oferta dos cursos técnicos do CAVG é focada com a política municipal, para melhorar o desenvolvimento do município. Tenho a convicção que a nossa região se desenvolve cada vez mais com iniciativas como o programa Rede e-Tec Brasil.

As aulas práticas de Agroindústria e Biocombustíveis merecem destaque. Muitos alunos formados no curso de Agroindústria são hoje os responsáveis pela produção da rapadura, em agroindústrias familiares ou indústrias de pequeno porte. Um exemplo é a Ana, formada na primeira turma, fez registro profissional e é a responsável pela produção de sua fábrica. Durante a realização do curso lançou um produto novo e faz o melado e açúcar mascavo mais cuidado do município.

As lágrimas caem e, um suspiro brota da emoção desse momento. De repente, outras memórias aparecem e se misturam a essas vozes. O caminho trilhado passa como um filme. Paramos um pouco. Respiramos. E o espírito se regozija pensando que o pouco é muito nessa batalha de acreditar em projetos que podem, e devem ser realizados para trazer melhorias na vida das pessoas. Como não deixar essas memórias se corporificarem? Seguimos escutando/lendo o que tem sentido e dá sentido a essas vozes.

O Curso de B combustíveis tem um mercado reduzido, mas é atração dos alunos que fazem Engenharia Agroquímica, muitos deles têm projeto com óleo e o curso contribui. Também temos uma fábrica de álcool de cereais e uma pequena usina de reciclagem de óleo organizada e gerenciada por um aluno formado no Biocombustíveis. Os cursos apresentam dados que mostram a importância das aulas práticas. Cada ano em que as aulas práticas foram cumpridas como planejadas, o número de matrículas no ano seguinte aumenta. Os estudantes são apaixonados pelas aulas práticas. Foi muito marcante e, cada vez, está diminuindo mais o número de aulas práticas, o que me entristece, deixa os estudantes com expectativa alta e sentimento de frustração, e dificulta fazer a propaganda dos cursos. A fragilidade ficou por conta das poucas aulas práticas, como as de laboratório, o que motivou a desistência de elevado número de alunos.

Contudo, nós só temos a agradecer, pois é uma satisfação e conquista ofertarmos os cursos técnicos em nosso município. Além de visualizar o crescimento de cada aluno, tanto no momento da cerimônia de formatura quanto na conquista do trabalho. Fica evidente o desenvolvimento local e regional com a formação dos nossos técnicos. O crescimento não pode parar. Renovar é preciso, com a oferta de vagas em novos cursos, manteremos o crescimento.

Pronto, dou-me conta de que as vozes soam como música aos meus ouvidos, permitindo um desejo de repousar e renovar as energias para poder continuar ouvindo-as e dando sentido ao que falam. Aos poucos os olhos ficam enuviados, o corpo relaxa e caio nos

braços de Morfeu¹³, de forma tranquila, reconfortante, delicada, própria da dádiva de um deus.

É notório o alcance dos cursos técnicos nessas comunidades. Nascida sob discurso da necessidade de sobrevivência das classes menos favorecidas e com características de uma política assistencialista, a Educação Profissional alicerça-se com o objetivo único e estratégico de qualificação de mão de obra para atender uma demanda emergente oriunda da industrialização no país. Com o passar do tempo, enraíza-se e, com mais de um século de história, vai além de uma política pública; corporifica-se com a própria história da educação brasileira, seja nas diretrizes estabelecidas, seja no reconhecimento que surge da sociedade.

Hoje, um dos seus desafios é dar conta da complexidade entre trabalho e educação, ou seja, dar conta de uma formação mais integral do cidadão – uma formação humana e não somente tecnicista – –sem perder os princípios de sua constituição, provendo alterações, adaptações que continuem contemplando a qualificação do indivíduo. Esse cenário que se apresenta em função das mudanças na natureza do trabalho, advindas do avanço científico e tecnológico do mundo em que vivemos.

Para Simões (2010, p. 114), a educação profissional está acoplada ao mundo do trabalho à medida que “está em consonância com o avanço do conhecimento científico e tecnológico [...] e incorpora na

¹³ Refere-se à mitologia grega, Morfeu era filho de Hipnos, o Deus do sono.

educação escolarizada a cultura técnica e busca a integração da ciência, tecnologia, cultura e trabalho". Batista (2011, p. 100) reforça a amplitude da EPT quando diz que ela "requer, além de um domínio operacional de um determinado fazer, a compreensão global do processo produtivo, [...] do saber tecnológico, da valorização da cultura e do trabalho e a mobilização dos valores necessários à tomada de decisões".

O excerto da história, *"Hoje a vontade política e oportunidades que o Governo Federal oferece permitem a muitos jovens permanecerem em seu município, estudando, melhorando suas propriedades e agronegócios com os conhecimentos adquiridos. Fato muito importante, pois não perdem o vínculo com suas raízes e permanecem no meio rural, [...] Os dados mostram que o 'povo' tem uma paixão pelos cursos técnicos [...], evidencia uma cultura "definida por uma configuração particular de um emocionar, que guia as ações de seus membros e é conservada por essas ações".* (MATURANA, 2006, p. 197). Daí a importância de conservar o seu devir histórico para não haver a ruptura ou a morte dessa cultura. Isso nos leva a refletir, a olhar, a pensar e a sentir, pois todos nós temos responsabilidades com um fazer que tem consequências nas comunidades.

Maturana (2009, p.171) traz a cultura como um "âmbito fechado de coordenações de coordenações de fazeres e emoções, [...] especifica o que as pessoas que a realizam fazem em seu operar como membros dela". Pensamos, então, que os cursos técnicos, na modalidade a distância, promoveram e re-significaram as expectativas de melhorias na vida de jovens e de adultos

trabalhadores. A aceitação auferida pela EPT nos leva a acreditar que traz um diagnóstico em que a interiorização dos cursos técnicos a distância é imperativa, desejada e, acima de tudo, valorizada no seu núcleo cultural.

A relevância atribuída à instituição CAVG é pautada em um emocionar, alicerçado na sua história educativa. Quando lemos [...] *é importante e gratificante poder contar com cursos técnicos no nosso município e, além disso, com a assinatura do CAVG. Os cursos qualificam os programas de agroindústria familiar, da aquisição da alimentação escolar e cooperativismo existentes no município [...]*, entendemos que essa adjetivação se origina da intimidade do viver cotidiano, da convivência compartilhada a valores que sobrevivem e são respaldados pelas ações daqueles que cultivam e dão continuidade a um domínio de ações e emoções.

Ao dizer isso, estamos concordando com Maturana (1997) quando afirma que somente o amor é a emoção fundamental e possível de fazer parte do viver que se conserva, ou seja, um amar em que as condutas relacionais tornam possível o surgir do outro como legítimo outro na convivência. É nesse domínio particular de ações que se configura o emocionar de cada um, no qual acreditamos estar implícita a sustentabilidade e a credibilidade dessa instituição.

Quando trazemos para a história [...] *muitos alunos formados no curso de Agroindústria são hoje os responsáveis pela produção da rapadura, em agroindústrias familiares ou indústrias de pequeno porte. Um exemplo é a Ana, formada na primeira turma, fez*

registro profissional e é a responsável pela produção de sua fábrica. Durante a realização do curso lançou um produto novo e faz o melado e açúcar mascavo mais cuidado do município [...], queremos destacar a vocação e a inserção da economia familiar nesses municípios. Além disso, a busca dos alunos pela qualificação profissional que dê conta das necessidades enquanto trabalhadores assentados num processo produtivo de um modo de produção; e como sujeitos integrantes de uma formação politécnica.

O curso de Agroindústria é visto como fundamental para atender, não só uma demanda crescente dos setores produtivos primários e secundários, como vem ao encontro das demandas sociais e comunitárias de profissionalização - aplicar o conhecimento tecnológico adquirido à vivência dos chamados saberes da terra¹⁴ - geração de emprego e retomada do crescimento regional.

Os autores Quartiero, Lunardi e Bianchetti (2010) trazem o conceito de *techné* originário de Heródoto, como parte da palavra tecnologia a ser entendida como um saber fazer eficaz, e se apoia em Aristóteles para dizer que esse saber fazer é complexo, ou seja, um saber fazer dotado de raciocínio, de processo e de técnica. Com isso, o conhecimento do saber fazer alavanca o bem-estar da sociedade para uma qualidade de vida alicerçada em um saber fazer que une a experiência dos saberes da terra e da ciência aplicada na prática. O exemplo referenciado na história traz a valoração do curso, à medida que "proporciona o aproveitamento das

¹⁴ Práticas tradicionais arraigadas a vivência cotidiana do homem do campo.

potencialidades locais qualificando-as e contribuindo para o desenvolvimento dessas regiões¹⁵”, cumprindo com o seu objetivo de promover conhecimentos que possibilitam desenvolver a criatividade, a tomada de decisão e o empreendedorismo do egresso.

Essa referência do mundo do trabalho não é diferente no curso de Biocombustíveis. Na história foi importante destacar que o curso [...] *é atração dos alunos que fazem Engenharia Agroquímica, muitos deles têm projeto com óleo e o curso contribui. Também temos uma fábrica de álcool de cereais e uma pequena usina de reciclagem de óleo organizada e gerenciada por um aluno formado no Biocombustíveis.* Suas narrativas indicam a busca pelos saberes técnicos, específicos, encontrados nos cursos destinados a uma formação de um técnico ou tecnólogo, sendo visto como complemento de outros componentes curriculares.

O excerto [...] *os cursos apresentam dados que mostram a importância das aulas práticas. Cada ano em que as aulas práticas foram cumpridas como planejadas, o número de matrículas no ano seguinte aumenta. Os estudantes são apaixonados pelas aulas práticas. [...]. A fragilidade ficou por conta das poucas aulas práticas como as de laboratório o que motivou a desistência de elevado número de alunos,* também mostra que é necessário implementar ações futuras para oferecer ou dar continuidade aos cursos técnicos a distância. Tais ações dizem respeito ao desenvolvimento pleno dos cursos, envolvendo tanto a parte teórica quanto a prática.

¹⁵ BRASIL (2009). Projeto Político do Curso Técnico em Agroindústria.

A referência dada às aulas práticas na história revela uma das tantas dificuldades que são encontradas na implantação de cursos técnicos a distância, evidenciando a necessidade de soluções efetivas nesse sentido. Parafraseando Shulman (1996), podemos dizer que o fragmento acima retirado da história, se constitui em um tipo de caso, o qual pode significar uma aprendizagem a partir dos erros. Desse modo, a história dos polos pode servir de orientação tanto para os professores quanto para os gestores das instituições e dos municípios, considerando que a EaD ainda está alicerçada em um projeto de governo que envolve a esfera municipal e federal. Essas considerações levam a uma análise reflexiva da importância em prover e garantir condições para o cumprimento da carga horária prática, prevista na matriz curricular dos cursos. Shulman (1996, p.17, tradução nossa) diz que “o ensino começa no planejamento, mas se desdobra na oportunidade”.

A motivação através das aulas práticas torna-se um importante elemento de reflexão para construção e revisão dos projetos pedagógicos de cursos. Podemos dizer que a aula prática permite e/ou dá condições de aproximação do aluno do seu fazer. Trata-se de uma estratégia pedagógica que traz outra forma de aprender, ou seja, possibilita ao aluno efetivar, na ação, os conhecimentos adquiridos na teoria, mas também pode ser um alerta para a necessidade de um olhar mais atento ao conhecimento curricular o qual, de acordo com Shulman (1986), trata das ferramentas que o professor mobiliza para dar conta de um conteúdo específico.

Olhar, rever, analisar e problematizar os aspectos referenciados na história nos ajuda a compreender que

precisamos ouvir aqueles que vivenciam o cotidiano de suas comunidades e percebem suas carências, necessidades e anseios. Por outro lado, esse chamamento, também, é uma responsabilidade de cada comunidade, pois tem relação com os desejos, com o querer e o dar-se conta das pessoas.

Capítulo 5

O POLO E O DEVIR PEDAGÓGICO

[...] a tarefa de criar uma democracia começa no espaço da emoção com a sedução mútua para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação nem abuso sistemático. (MATURANA, 2009, p. 77).

Se a experiência do viver, como diz Larossa (2014, p. 74) é uma relação “com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, [...]” precisamos estar atentos e acessíveis para as múltiplas possibilidades daquilo que não é previsto, não é esperado, não é pensado. A experiência na educação não soa diferente, é a possibilidade de irmos além do discurso pedagógico, da técnica, da expertise; é reivindicar a partir da reflexão, da subjetividade. Shulman (1996, p. 11) argumenta que temos “experiências educacionais quando somos obrigados a refletir sobre as nossas ações e, estrategicamente, selecionamos nossos caminhos”.

Assim, nos despidimos de qualquer convencionalismo e passamos a escutar as vozes que ajudam a construir a história **O polo e o dever pedagógico**, desejando que ela nos conduza para outras possibilidades, ultrapassando aquilo que não sabemos.

Tinham o que podemos chamar de luz interior.

Eles tinham sonhos e acreditavam em anjos e, porque acreditavam, eles existiam. E, em seus sonhos, a construção parecia viva, presente. Então, a realidade surge e é preciso mais do que acreditar, é preciso paixão, garra, amor, trabalho para essa realidade acontecer. Pronto, as palavras ecoaram sons, que se propagaram para além dos seus diários virtuais, contando...

Primeiro organizar o Polo, o que comprar? Que tipo de máquinas? Tudo muito difícil. Enfrentei a resistência dentro da própria Prefeitura que não tinha máquinas boas para trabalhar. Entendi que poucos acreditavam no projeto e eu devia dar uma resposta de imediato aos professores. A estrutura precária, não só em máquinas como também ao acesso à internet e espaço físico nunca foram motivo para desanimar, muito pelo contrário, pois nesta luta encontramos grupos de apoio como os coordenadores dos outros Polos. Cadastrei o município no Programa Escola Técnica Aberta do Brasil e fomos chamados, pelo CAVG, para uma reunião em Pelotas. Implantamos, em 2008, os Cursos Técnicos em Agroindústria e Biocombustíveis. Iniciamos ali uma história com o CAVG.

A gestão, dos primeiros anos do polo, foi de adaptação e consolidação de rotinas de trabalho. O Polo,

conta com salas de aula de uso compartilhado com outras instituições, sala de tutoria, laboratórios de informática, sala de web conferência, uma secretaria, uma biblioteca. A Prefeitura Municipal disponibiliza, gratuitamente, transporte para os estudantes, diariamente, no turno da noite e nos finais de semana, quando ocorrem as aulas presenciais, aulas práticas e as avaliações presenciais. A política de gestão do polo sempre foi pautada pelo diálogo com todos os segmentos e tendo o aluno como prioridade. Assim, todas as vezes que os alunos vieram até o polo para aulas presenciais foram recebidos pelo professor da disciplina, pelo tutor e coordenador.

No Polo organizamos grupos de estudos, dá muito certo: o aluno tira dúvidas com o colega, trocas ideias e experiências, fazem amizades, criam um vínculo com o tutor, o coordenador e funcionários do Polo. Muito se trabalha, também, no sentido de aulas com professoras do Município, sempre que tem uma disciplina mais difícil, especialmente a que envolve cálculos e Português, Instrumental. Além, de aulas de química para entender melhor a Bromatologia, por exemplo. Semanalmente, os alunos se fazem presentes nos encontros presenciais, onde cada dia é específico de cada turma, onde o tutor é o responsável por motivar e realizar atividades diferenciadas, além dos grupos de estudos e confraternizações. Algumas atividades desenvolvidas foram: a campanha de doação de brinquedos no Natal, a Festa Junina, a participação na semana da pátria no município, dentre outras.

Diante do crescimento da EAD, o comprometimento e as lutas por melhorias foi também aumentando, tanto a coordenação do polo como os tutores sentiram cada vez mais a necessidade de realizar cursos de especialização e formação continuada em EAD. Enquanto lutávamos por aqui melhorando a estrutura

física, lá em Pelotas o CAVG passava por dificuldades semelhantes. Iniciou com muita coragem e poucas condições para ofertar dois cursos e depois quatro cursos. As condições físicas foram melhorando e no ano seguinte já estávamos utilizando o Moodle do CAVG, logo em seguida foi implantado o NETTAD e a partir daí ficou visível a criação de rotinas, melhor atendimento no setor de informática... O CAVG começou com muitas dificuldades e logo foi se organizando e dando resultados imediatos.

A equipe tem muito orgulho por ser um Polo ativo e dedicado em todas as atividades que desenvolvemos. O sucesso para isto é trazer o aluno para o polo, não somente nos dias de provas. O polo trabalha em sincronia, com o objetivo de motivar e ajudar o aluno. Em conjunto, todos os profissionais são fortes, para isto são realizadas reuniões onde traçamos metas, dividimos angústias e criamos estratégias para melhorar determinadas situações. Visando sempre, a amizade, união e humildade para com todos. Uma característica forte era fazer tratar todos como parte do processo, de verdade”.

A história não precisa de nossa intervenção para ser contada! Por si só traz a magnitude, o desejo e o orgulho de fazer parte de uma comunidade que clama por uma formação de qualidade. Como não dar voz a estas vozes que falam o que fazem? Uma história curta, mas que carrega em si o potencial dos sonhos e mobilizações de todos os que acreditam em oportunidades, crescimento e desenvolvimento pessoal, econômico e social.

Ao refletirmos sobre a nossa existência humana, precisamos ter um fundamento epistemológico e ontológico que sustente nossa corporalidade, identidade e espírito. Um bom começo é entendermos que vivemos cotidianamente permeados por distintas dinâmicas relacionais, em que as emoções guiam o fluir do nosso comportamento e são responsáveis pelas ações que desempenhamos ao longo do nosso fazer. Com isso, podemos desencadear o processo de dar-se conta capaz de nos levar a compreender o que queremos; o que desejamos em nossas ações.

Maturana (2009, p. 33) nos diz que a “[...] responsabilidade e liberdade surgem na reflexão que expõe nosso pensar (fazer) no âmbito das nossas ações, num processo no qual não podemos nos dar conta de outra coisa a não ser de que o mundo em que vivemos depende de nossos desejos”. Por isso, não podemos nos isentar dos compromissos que assumimos quando conhecemos, uma vez que o que conhecemos é fruto de nossas experiências.

Esse processo do indivíduo deve ser extensivo a tarefa educativa, à medida que estamos em convivência com o outro e temos a responsabilidade de agir na formação humana e profissional do estudante. Para Maturana (2003), a tarefa educacional é uma criação de mundos, em que a educação é uma transformação na convivência por existir uma dinâmica relacional coerente, manifestada no viver do aluno e do professor.

Ao lermos o fragmento, *entendi que poucos acreditavam no projeto e eu devia dar uma resposta de imediato aos professores. A estrutura precária, não só*

em máquinas, como também ao acesso à internet e espaço físico nunca foram motivo para desanimar, muito pelo contrário, pois nesta luta encontramos grupos de apoio como os coordenadores dos outros Polos, vimos refletido o desejo de concretizar um espaço educativo capaz de modificar a realidade que é percebida pelos sujeitos. Para Varela (2003, p. 41), "a realidade não é projetada como algo dado: ela é dependente do sujeito da percepção, não porque ele a 'constrói' por um capricho, mas porque o que se considera um mundo relevante é inseparável da estrutura do percipiente". Vemos que a percepção existente não é mais preestabelecida e sim, orientadora das ações daqueles que desejam outros mundos que possam a enagir da sua capacidade de conhecimento.

O desejo e a vontade tornaram possível alavancar e transformar espaços educativos para receber os cursos técnicos na modalidade de EaD. Espaços já existentes, mas que para atender as necessidades advindas da estrutura dos cursos e, principalmente, para atender a distância, precisaram ser adaptados para além da construção de sua estrutura física. Estes espaços constituídos representam a concretude de um mundo que se cria ao viver.

De acordo com Maturana (2009, p. 29), educar é criar, é realizar e é validar um modo particular de conviver. É um processo recorrente e recíproco, é visto como "uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem". Entendemos que este conceito está

presente nas ações dos polos de apoio presencial, pois deles emana o modo de viver e ser de cada comunidade.

Então, é possível pensar nos polos de apoio presencial para além de unidades operacionais para o desenvolvimento descentralizado de atividades pedagógicas e administrativas relativas aos cursos e programas ofertados a distância. Estes polos aninham redes de conversações configuradas por um conjunto de interações recorrentes (convivência) que levam à constituição de um mundo de ações, com uma conduta própria, envolvendo professores, estudantes, professores tutores, gestores e comunidade.

O espaço educativo como um espaço social, para Maturana (1999), é fundamentado nas emoções dos sujeitos e nas relações estabelecidas; no entendimento de que essas relações levam à transformação na convivência por existir aceitação do outro e respeito próprio. Nesse sentido, esta história nos leva a compreender que no polo existe uma proposta educativa que consiste em abrir espaços para a formação do estudante como um ser e, por isso, é o ponto de partida para as ações ali desenvolvidas.

O trecho da história [...] *semanalmente, os alunos se fazem presentes nos encontros presenciais, onde cada dia é específico de cada turma, onde o tutor é o responsável por motivar e realizar atividades diferenciadas, além dos grupos de estudos e confraternizações. Algumas atividades desenvolvidas foram: a campanha de doação de brinquedos no Natal, a Festa Junina, a participação na semana da pátria no município, dentre outras, [...]*, confirma a existência de

um movimento permanente que busca a colaboração e aceitação desse espaço como referencial educativo, capaz de atender os desejos e anseios dessa comunidade.

A história movimenta um conviver permeado pelo desejo de partilhar momentos de aprendizado, de vida, de realizações e acolhimento. Na colocação de Vicente (2012), conversar com os estudantes e com os tutores sobre educação a distância e sobre o polo gera um comprometimento com os cursos e uma confiança no polo. Esses momentos são alcançados nas diversas e diferentes ações propostas nos polos de apoio presencial.

Se agirmos como Maturana indica (1999), o educador pode configurar um espaço de convivência capaz de possibilitar um escutar do estudante, de modo que ele possa concordar ou discordar e, assim mesmo ser compreendido; e, se entendermos que existe uma aceitação mútua do outro na convivência, podemos pensar que o estudante pode combinar qualquer instrumento (presencial ou virtual) de ação e de reflexão para ser usado e concretizado em qualquer domínio.

No excerto, *No Polo organizamos grupos de estudos, dá muito certo: o aluno tira dúvidas com o colega, trocas ideias e experiências, fazem amizades, criam um vínculo com o tutor, o coordenador e funcionários do Polo*, intuímos que estes coordenadores entendem que não somos seres isolados, vivemos com o outro, nas interações e nas perturbações. Por isso, podemos aprender.

De acordo com Maturana (1993), a aprendizagem é um processo que ocorre por conta de uma mudança

de estado em que os seres vivos se adaptam a uma nova circunstância que é diferente daquela inicial. Os seres vivos precisam viver uma recorrência, pois só assim terão uma história, eles “mantém sua organização e sua congruência com o meio em interações recorrentes e estabelecem uma história, ou perdem a organização e a congruência e desaparecem, morrem” (p. 30). Portanto, a aprendizagem não é uma instrução e, sim, um processo que desencadeia mudanças de estados nas quais o indivíduo se adapta a uma nova circunstância que é diferente daquela inicial. De certa forma, este modo de entender a aprendizagem está presente na história e no devir dos polos, dado que são responsáveis por desencadear interações recorrentes para manter sua própria organização e manutenção.

A tarefa de educar ocorre no entendimento de que a aprendizagem se dá em um ambiente de convivência em que o sujeito aceita e deseja esse espaço. “[...] a história de vida de um ser vivo qualquer é uma deriva em condições de conservação da organização e da congruência com a circunstância” (MATURANA, 1993, p. 32). Assim, a aprendizagem flui como um processo, com uma conotação de transformação e colaboração. E, nesse processo, está o devir da formação humana, que consiste na capacidade de ação e de reflexão do sujeito no mundo em que vive (MATURANA, 2003). Há, portanto, um atravessamento entre a formação e sua capacitação.

Quando destacamos o fragmento *a equipe tem muito orgulho por ser um Polo ativo e dedicado em todas as atividades que desenvolvemos. O sucesso para isto é trazer o aluno para o polo, não somente nos dias de*

provas. O polo trabalha em sincronia, com o objetivo de motivar e ajudar o aluno. Em conjunto, todos os profissionais são fortes [...]. Visando sempre, a amizade, união e humildade para com todos. Uma característica forte era fazer tratar todos como parte do processo, de verdade, queremos destacar a relação humana presente nos polos. Nessas relações, o amor é a emoção que determina seu fazer, que se configura em um movimento de olhar o "outro como legítimo outro".

Para Maturana (1999, p. 46, tradução nossa), "as relações humanas são sociais somente quando elas são baseadas no amor e permitem uma abertura para compartilhar e colaborar pelo simples prazer de fazê-lo". Esse processo permite que nós, humanos, possamos pensar que todas as nossas condutas, como fato relacional particular, surgem numa emoção que se configura em uma ação. Além disso, "na dinâmica humana sempre se formam grupos [...] relacionados com as aceitações, com as conversações, com os encontros" (MATURANA, 2009, p.83).

A história mostra os polos de apoio presencial como espaços de convivência, nos quais existe um domínio emocional declarativo através das ações que são desenvolvidas. Existe a busca pela integração do polo no cotidiano dos alunos, objetivando a aprendizagem, o comprometimento e o pertencimento. O polo constituiu-se em projeto unificado, gerado em conjunto com todos aqueles que desejam esse espaço de aceitação, de colaboração. Dessa forma, constroem um compartilhar de experiência, de fazer parte de uma história, constituindo um espaço de cooperação na criação de mundos possíveis.

E o que mais dizem as histórias? Elas nos dizem tudo aquilo que, como observadores, vimos e escolhemos para olhar. Elas possibilitaram um olhar mais atento às experiências daqueles que vivenciam e compartilham da vontade de ofertar cursos técnicos em suas comunidades.

As vozes falam e nós escutamos. Trazem uma emoção que aflora a cada lembrança, a cada alegria de ver mundos que enatuam de suas histórias de vida, de experiências e de convivências próprias daqueles que desejam pertencer a outras realidades.

Capítulo 6

O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA

[...] com esse algo que acontece ou que nos acontece, que não é simplesmente uma projeção de nós mesmos, que às vezes pesa, e às vezes dói, e às vezes é incompreensível, e que eu gostaria, ao menos aqui e agora, de continuar nomeando com essas velhas e arruinadas palavras sem as quais a palavra “experiência” não tem sentido: a palavra “realidade” e a palavra “vida” (LAROSSA, 2014, p. 112).

Essa escritura está atravessada pelo entendimento de que “[...] uma vez que tudo o que é dito é dito por um observador a outro observador que pode ser ele ou ela mesma, e o observador é um ser humano, o observador e a observação devem ser explicados na explicação do operar do ser humano como um observador” (MATURANA, 1997, p. 246). O meu olhar de observadora descreveu um conjunto de situações cotidianas que tiveram voz na afirmação de que as experiências contadas são parte de um viver ontológico, que revelam uma relação com o mundo. Essa

obra reflete a importância das experiências dos professores coordenadores dos polos de apoio presencial no contexto da oferta da Educação Profissional na modalidade a distância.

Escrever as histórias permitiu conhecer, refletir e compreender um conversar sobre o fazer das múltiplas vozes destes professores. Devo dizer que serviu para abrandar a lacuna sobre os modos de pensar, olhar, escutar, agir e dizer sobre a Educação Profissional a distância. O estudo trouxe um reconhecimento de mundos que enagem da experiência e se afirmam na vontade e no desejo daqueles que acreditam que o saber também está naquilo que nos toca, nos atravessa e faz sentido. Assim, devemos buscar a ação do conhecer em um domínio que é próprio da nossa existência, ou seja, quando for possível “um ser vivo continuar sua existência em um determinado meio ao fazer surgir o seu mundo. Nem mais, nem menos” (MATURANA; VARELA, 2011, p. 36).

Nesta escritura, assumi a Biologia do Conhecer, de Humberto Maturana e de Francisco Varela, como sustentação para as minhas reflexões teóricas e epistemológicas que possibilitaram um avanço qualitativo, no entendimento do que é o viver e suas relações com o nosso cotidiano. E, por entender a abrangência das histórias que envolvem as experiências com a Educação Profissional a distância, avanço e busco dialogar, trazendo para a conversa, outros autores que me ajudam a pensar e a discutir as histórias.

As histórias contam uma realidade de mundos que surgem ao viver, para além de ter e transmitir experiências, elas produzem um significado que me

atravessa, me toca e, portanto, refletem um sentido de conhecimento. Olhar cada história possibilitou ir ao encontro de referenciais teóricos que me sustentam quando desejamos ter um conhecimento sobre o mundo e de como esses conhecimentos nos levam às transformações que sofremos ao longo da vida. Então, as histórias permitiram entender que “relembrar, recontar, reviver e refletir é o processo de aprender pela experiência” (SHULMAN, 1996, p. 43).

As histórias nos envolvem em um conjunto de sentimentos, sensações, reflexões e emoções que tomam significados, a partir de um contexto teórico. Conceitos como enação, emocionar, amor, viver democrático, inclusão social, cultura, transformação na convivência e aprendizagem permitiram a compreensão do problema investigado. Esses substantivos e verbos, que se apresentam nas histórias e são teorizados, constroem significados para a Educação Profissional a distância do IFSul/CAVG.

Em cada história relatada vimos o emocionar que permeia o cotidiano daqueles que trabalham e acreditam na educação a distância. É visível uma conduta baseada no amor que sustenta o desejo de mudar uma realidade, de construir algo novo e de oportunizar uma formação àqueles que desejam continuar estudando. As histórias apontaram situações cotidianas que evidenciam a valorização do ensino técnico, destacando a busca dos alunos pela qualificação profissional na emergência da inserção em um processo produtivo, evidenciando que o desenvolvimento dessas comunidades está alicerçado na profissionalização técnica dos seus cidadãos.

Nessa convivência, a experiência toma sentido. Um sentido de aprendizagem, de estar com o outro em aceitação mútua e de transformação da sua ontogenia. Maturana (1993) diz que participamos de uma cultura circular, em que sempre existe a mesma história de algo parecido, ou seja, nos utilizamos do fenômeno do conhecer para dar sentido a tudo que nos envolve e a tudo que nos passa. O aprendizado deve ser visto a partir do modo de viver de cada um e, por conseguinte, a aprendizagem tem conotação de transformação, dado que a "educação consiste na transformação pela convivência" (MATURANA, 1996 p. 64).

Se a educação é um espaço de convivência pelo qual qualquer um de nós pode se transformar, é nessa convivência que ocorre a transformação tanto do educador como do educando. Quando ambos estão dispostos, em um mesmo domínio de coordenações de coordenações consensuais de ações, existe a aceitação do outro como legítimo outro. "Educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro, de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de certa maneira particular" (MATURANA, 1993, p. 33).

Por isso, as histórias contadas resultam em um conhecer que dá voz e produz um sentido para o desenvolvimento da Educação Profissional a distância. É nas interações recorrentes que nos mantemos vivos, na dinâmica relacional com o mundo e seus significados (MATURANA, 1993). A reflexão sobre a experiência do viver e conviver na linguagem, permitiu estar em um processo de pensar as relações humanas e sobre como

o que nos acontece e nos toca faz sentido no mundo em que vivemos.

Conhecer a EPT a distância, a partir da hipótese explicativa de que é preciso conhecer o mundo que emerge do cotidiano dos polos de apoio presencial, é buscar o sentido, o desejo que contemplam as experiências ali vividas e compartilhadas.

Ao olhar as experiências, foi possível explorar o que aconteceu, o que emergiu na convivência daqueles que receberam o ensino técnico na modalidade a distância. As histórias mostraram realidades que, até então, estavam restritas à memória e às lembranças dos professores, mas que agora refletidas seguem o caminho do aprender, do conhecer e do conhecimento, em que “o mundo vivido [...] é o mundo social do dia a dia, no qual a teoria é sempre voltada para alguma finalidade prática” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2003, p. 35).

As histórias explicam e dão sentido à oferta da Educação Profissional e Tecnológica a distância, à medida que contam o cotidiano dos polos pela impossibilidade de separar a experiência e o conhecimento que a sustentam. Elas nos contam como os cursos são recebidos em suas comunidades, as vantagens da formação para o trabalho, as fragilidades existentes na execução dos cursos e as ações que realizam para fomentar, motivar e dar continuidade à oferta da educação profissional em seus municípios. Assim, não só possibilitaram entender como se processa o desdobramento da EPT, como mostraram realidades, muitas vezes, desconhecidas, despercebidas e indiferentes ao nosso olhar.

Olhar as histórias foi assumir a existência de mundos possíveis no caminho explicativo da objetividade-entre-parênteses, para além de um pré-conceito. Não quero dizer que as experiências dos professores coordenadores de polo são inquestionáveis ou absolutas, mas que elas são tanto ponto de partida como de chegada. Para Varela (1994, p. 302), “um círculo se fecha e, ao mesmo tempo, dois planos coincidem, superpõem-se, confundem-se. Nessa coincidência, observa-se que o que desejamos manter em planos separados é inseparável”.

As histórias intencionaram a inseparabilidade das vozes dos professores coordenadores, das vozes daqueles que a ofertam. Socializar as experiências dos polos de apoio presencial possibilitará que outras comunidades conheçam as potencialidades e limitações do ensino técnico a distância. É refletir sobre a sua implementação, seu cotidiano, sua amplitude, seus objetivos, sua responsabilidade e, principalmente, sua efetivação em outra modalidade de educação.

Esse livro mostra que EPT a distância sinaliza para a consolidação de uma importante modalidade de ensino pela superação de desigualdades e pela inclusão social. Nesse devir, defendemos que conhecer as experiências, pelas vozes que enagem do cotidiano dos polos de apoio presencial, potencializará outros modos de atuação e um fazer mais integrado a quem ofertar a Educação Profissional na modalidade a distância.

REFERÊNCIAS

ADELL, Jordani; BELLVER, Antoni J.; BELLVER, Carles. Ambientes virtuais de aprendizagem e padrões de *e-learning*. In: COLL, César; MONEREO, Carles. (Org.). **Psicologia da Educação Virtual**. Aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010, 365 p.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação à distância no Brasil**: diretrizes políticas, fundamentos e práticas. Belo Horizonte: Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/pged/interact/viewfile.php/1/file/17/51/PDF.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

ANTUNES, Leonel. **CAVG - História de um patronato**. Pelotas, RS: UFPEL, 1996.

BATISTA, Sueli Soares dos Santos. Educação profissional e tecnológica no Brasil: entre a continuidade e a ruptura. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org.). **Cultura, Saberes e Práticas**, São Paulo: Centro Paula Souza, 2011, p. 95-105.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BORGES, Regina Maria Rabello. **Em debate científicidade e educação em ciências**. Porto Alegre: ed. PUCRS, 2 ed. 2007, 118 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf. Acesso em: 05 maio 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB nº 11/2012**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17576&Itemid=866. Acesso em: 16 mar. 2013.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 7.589, de 26 de outubro de 2011**. Brasília: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7589.htm. Acesso em: 16 mar.2013.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 6.301, de 12 de dezembro de 2007**. Brasília: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-010/2007/Decreto/D6301impressao.htm. Acesso em: 10 mar. 2013.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Brasília: Casa Civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm. Acesso em: 10 mar. 2013.

BRASIL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. **Regimento Interno Câmpus Pelotas Visconde da Graça**. 2011. Disponível em: http://www.ifsul.edu.br/index.php?option=com_docman&Itemid=38 Acesso em: 02 maio2013.

BRITO, Eliana Povoas. **Da educação a distância à educação online**: um percurso pelo espaço. IV Colóquio Internacional sobre gestão universitária na América do Sul. Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/35871/Da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia%20%C3%A0%20educa%C3%A7%C3%A3o%20on%20line%20Um%20percurso%20pelo%20espa%C3%A7o.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 set. 2014.

BRUNER, J. **Narrative and paradigmatic modes of thought**. American Psychological Association, Toronto, August 25, 1984. Disponível em: <https://nsse-chicago.org/Chapter.asp?UID=1267>. Acesso em: 06 jan. 2014.

CARTER, K. The place of story in the study of teaching and teacher education. **Educational Researcher**, Washington, v. 22, n. 1, p. 5-12, 1993. Disponível em:

<http://www.alex ruthmann.com/articles/Carter1993.pdf>.
Acesso em: 06 jan. de 2014.

CAPRA, Fritjot. **Sabedoria incomum** – conversas com pessoas notáveis. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAPRA, Fritjot. **O ponto de mutação**. 28. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1989.

CONNELLY, Michael. F; CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. *In*: LARROSA, Jorge *et al.* **Déjame Que Te Cuente**. Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes. Novembro de 1995.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>. Acesso em: 10 set. 2013.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de: Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e Tradução de: Cristina Magro; Victor Paredes. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

MATURANA, Humberto. Uma nova concepção de aprendizagem. **Revista Dois Pontos**. Belo Horizonte, v.2, n.15, p. 28-35, 1993.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Tradução de: Cristina Magro; Miriam Graciano e Nelson Vaz. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto. **Transformación em la convivencia** Santiago, Chile: Dolmen Ediciones S.A., 1999.

MATURANA, Humberto R; DÁVILA, Ximena Paz. Educação a partir da matriz biológica da existência humana. **Revista Prelac**, n. 2, Chile, 2006.

MATURANA, Humberto R; DÁVILA, Ximena Yáñez. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, Humberto R; REZEPKA, Sima Nisis de. **Formação humana e capacitação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MATURANA, H; VARELA. F. **De máquinas e seres vivos: autopoiese** – a organização do vivo. Traduzido por Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, H; VARELA. F. **Árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 9. ed. São Paulo: Palas Athenas, 2011.

MATURANA, Humberto R; VERDEN-ZÖLLER, Gerda Verden. **Amar e brincar** – Fundamentos esquecidos do humano. Palas Athena, São Paulo, 1998

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 29, n 2, p.33-49, 2004. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em: 20 mar. 2013.

MOORE, Michel G; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância** – uma visão integrada. Tradução de: Roberto Galman. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NASCIMENTO, Cinara Ourique do; MOREIRA, Isabel Giusti; CANCELA, Marisa. O desenho organizacional da EaD: a experiência no âmbito do NETTAD. *In*: VIII Congresso

Brasileiro de Ensino Superior a Distância. **Anais**, Ouro Preto: 2011. 100-130.

PACHECO, Eliezer Moreira; PEREIRA, Luiz Augusto Caldas; SOBRINHO, Moisés Domingos. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: limites e possibilidades.

Revista Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 16, n. 30, p. 71-88, 2010. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/issue/view/174. Acesso em: 24 ago. 2012.

QUARTIERO, Elisa Maria; LUNARDI, Geovana Mendonça; BIANCHETTI, Lucídio. Técnica e tecnologia: aspectos conceituais e implicações educacionais. *In*: MOLL, Jaqueline (org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 285-300.

RODRIGUES, Sheyla C. **Rede de conversação virtual: engendramento coletivo-singular na formação de professores**. 2007. Tese, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SIMÕES, Carlos Artexes. Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores. *In*: MOLL, Jaqueline (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 96-117.

SILVA, Caetana Juracy. **Institutos Federais Lei 11.892, de 29/11/2008: comentários e reflexões**. Natal: IFRN. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841. Acesso em: 14 maio 2014.

SHULMAN, Lee. S. Those who understand: knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, n.2, v. 15, p. 4-14, 1986. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0013-189X%28198602%2915%3A2%3C4%3ATWUKGI%3E2.0.CO%3B2-X>. Acesso em: 02 jun. 2014.

SHULAMN, Lee. S. Just in case: reflections on learning from experience. *In*. Colbert, Joel; Desberg, Peter; Trimble, Kimberly. **The Case for education**: contemporary approaches for using case methods. Massachusetts: Allyn& Baron, 1996, p. 197-217.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada** – ciências cognitivas e experiência humana. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VARELA, Francisco. **Conhecer: as ciências cognitivas – tendências e perspectivas**. Instituto Piaget, Lisboa, s/d.

VARELA, Francisco. O reencantamento do concreto. *In*: PÁLPELBART, Peter; COSTA, Rogério (org.). **O reencantamento do concreto**, São Paulo: Hucitec Educ, 2003, p. 71-86.

VARELA, Francisco. O círculo criativo – esboço histórico-natural da reflexividade. *In*: WATZLAWINCK, Paul (Org). **A realidade inventada**: como sabemos o queremos saber? Tradução de: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: PSY II, 1994

VICENTE, Dilce Eclai de Vargas Gil. **Educação a distância**: a experiência de Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: Cidadela, 2011, 152 p.

WINCKLER, C. R.; SANTAGADA, S. A educação técnica de nível médio no Brasil: transição para um novo modelo? **Indic. Econ.** FEE, Porto Alegre, v. 39, n. 3, 2012, p. 97-110.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Tradução de: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.



Logomarca criada por
Patrícia Koschier Buss Strelow
CCS – IFSul

Este livro foi editorado com as fontes Tahoma e Lucida Handwriting

Versão digital (*e-book*), em acesso aberto, disponível em:

<http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul>

A obra apresenta como a Educação Profissional a Distância está sendo percebida; como ela atende à democratização do ensino e às necessidades de formação do cidadão. Revela a importância das experiências dos coordenadores dos polos – IFSul/CAVG. A hipótese sustentada é que o mundo conhecido e experienciado, que emerge do cotidiano dos polos conta suas histórias e nos leva a conhecer a EPT, no encadeamento entre ação e experiência. As histórias contam uma realidade de mundos que surgem ao viver, para além de transmitir experiências.